

# Revolução

abstenção  
ou  
voto nulo

balanço  
da campanha  
eleitoral  
Pág. 3

em exclusivo



Novas revelações  
sobre Spínola, MDLP  
e seus cúmplices,  
fornecidas por Walraff  
ao "Revolução"

Páginas centrais

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**

dos leitores

Porta-Voz do PARTIDO  
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## SÁ CARNEIRO NO ALGARVE

Acerca da visita do Sr. Sá Carneiro ao Algarve verifica-se um profundo silenciamento dos factos ocorridos nesta província, por parte dos órgãos de comunicação social. E quando este silêncio não foi total verificou-se que as notícias transmitidas fazem parte da campanha de desinformação levada após o 25 de Novembro porquanto elas tecem apenas louvores ao partido dito Democrático e Popular quando a realidade é outra. Assim, a «comunicação social» não referiu que o povo algarvio diz não ao fascismo ou a quem lhe pretende impor mascarado sob diferentes disfarces. Os algarvios souberam dizer não

à visita do Sr. Carneiro em várias localidades do Algarve, tal como em Lagos, Odeáxere, Ferragudo, Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António, etc. A desinformação ao serviço do capital noticiou o comício do PPD em Faro e a apologia da social-democracia, que no caso português é a antecâmara do fascismo, por parte dos capitalistas do PPD mas não noticiou que o povo de Ferragudo expulsou a caravana do PPD, que o sr. Carneiro levou na cara, em Olhão, fugindo para Vila Real de Santo António onde se refugiou na sede — o povo de V. Real não se esqueceu ainda que há bem pouco tempo um candidato (Vic-

tor Serina) à próxima Assembleia da República integrou um grupo de pépêdistas que atacou vilmente dois trabalhadores, a coberto da noite — donde saiu a coberto da Guarda Fiscal e seguiu para Tavira onde não conseguiu realizar o comício projectado e para sair de Tavira fê-lo com a protecção das forças militares que o escoltaram com jeeps.

A desinformação ao serviço do capital e da burguesia não noticiou a gorilagem e os caceteiros de protecção do PPD que iam armados de cacetes, pistolas, G3 (afinal parece que Emídio Guerreiro disse a verdade acerca dos 50 000 ho-

mens para armar) e de granadas.

A desinformação não referiu as prisões que passaram vários dias a PSP está a fazer em Tavira, sem culpa formada, mantendo os trabalhadores incommunicáveis, não permitindo a presença de advogados, não permitindo visitas familiares, cigarros e mantendo as celas húmidas todo o tempo às escuras. Como antes do 25 de Abril, às famílias e outros trabalhadores a PSP informou que as razões eram «secretas» e nada mais tinham a dizer.

A desinformação não refere que a indivíduos do PPD e do MDLP que se passearam e passeiam armados não lhes

foi feita nenhuma busca a casa mas que a casa de revolucionários de Tavira isso aconteceu. Afinal qual é a «democracia» destes senhores «pluralistas» e ao serviço de quem está a PSP — «força de ordem»? Afinal de que ordem? Só se for da fascista!

Mas o povo algarvio não desmobiliza e não se deixa intimidar com manobras porcas de repressão. O povo do Algarve mobilizou-se e mobiliza-se para o combate à besta do capital e a todas as forças que o re-presentam.

A luta continua. A vitória é certa.

Um leitor do Alqarve,  
M. B.

## QUADRAS DE UM VELHO PORTEIRO

Vêm grandes e pequeninos  
É um pessoal humilde e ordeiro,  
Pedir ao Dr. Jorge Campinos  
Para nos darem mais dinheiro.

Nós pedimos respeitosamente  
Aos homens justos e humanos,  
Para que tenham dó da gente  
Ganhamos o mesmo há três anos.

Nesta vida atribulada  
Nós não podemos viver,  
Com a carestia desenfreada  
Não ganhamos para comer.

Pedimos paz e patriotismo  
Para o nosso querido Portugal,  
Apelamos pr'ò Socialismo  
Salário igual, para trabalho igual.

Eu sou um velho porteiro  
Sou dos homens mais pequenos,  
Nasci no mês de Fevereiro  
Sou daqueles que ganham menos.

Eu nasci com este destino  
Falo verdade e não minto,  
Tenho um ordenado pequenino  
Continuo a apertar o cinto.

Eu por mim já fiz um estudo  
Fora com esta cambada,  
Eles comem tudo. Eles comem tudo  
E nós não comemos nada.

Diz a massa proletária  
Fora com esta canalha,  
Pois siga a Reforma Agrária  
Dêem a terra a quem a trabalha.

Fui um mártir alentejano  
Trabalhando dia a dia,  
Fui sempre um farrapo humano  
Entregue à vil burguesia.

Grítamos sempre com altivez  
Sempre na conquista,  
Cautela povo português  
Não volte a seita fascista...

Esta obra é dedicada ao dia a dia do nosso povo e ainda à seita fascista que nos continua a explorar.

H.J.G., um explorado

## Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
MORADA .....  
LOCALIDADE .....  
PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral — 90\$00  
— 180\$00

Estrangeiro

ASSINATURA: Semanal — 300\$00  
Anual — 600\$00

PAGAMENTO: Em cheque  
Em vale

### PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
Tel. 573520/573640/573717/573670  
DELEGAÇÃO DO NORTE  
Rua Álvares Cabral, 110, PORTO

#### LIVRARIAS REVOLUÇÃO

##### CABO RUIVO

Rua do Vale Formoso de Lima, 127-A. Horário — das 12 às 14 horas e das 16:30 às 24 horas.

##### ODIVELAS

Rua D. Nuno Álvares Pereira, 3-D. Horário — das 12 às 20 horas.

##### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110  
Tel. 315759/315786

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24520

##### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queiros, nº 33

MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 85

ARGEA — Tel. 92169

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, n.º 60 — Tel. 25542  
CASTELO BRANCO — Rua de Santa Maria, 10  
S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afrelho, n.º 142

##### ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n. 15 — Algés de Cima

PARADE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1 tel. 2474142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, n.º 16-17 Tel. 2512807

AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525

##### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Rua Jorge de Sousa (Ciclégio Frei Agostinho da Cruz)

BARREIRO — Rua dr. Eusebio Leão, n.º 31 Tel. 2076745

LAVRADIO — Rua dr. José Carcano Lobo, nº 12

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2783267 /2783397/2783122

QUINTA DA LOMBA — Praça Francisco Xavier

SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86

##### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

##### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Dr. Candido Guerreiro, 35 Tel. 24107

LOULÉ — Av. José da Costa Meilha, n.º 39-1.º Tel. 63043

PÓRTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C

FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

##### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

# BALANÇO DA CAMPANHA ELEITORAL

Com o termo da campanha eleitoral — através da qual o poder legítimo dos deputados burgueses na Assembleia da República — é chegado o momento de fazermos o balanço a estas 3 semanas de propaganda política.

Na análise sucinta que faremos à actuação e Programa das principais organizações concorrentes à eleições do próximo 25 de Abril, teremos fundamentalmente em conta os seguintes pontos:

1. Que ganharam os trabalhadores (e a sua organização autónoma) com esta campanha eleitoral?

2. Em que é que saiu fortalecida a unidade e consciencia de classe dos explorados?

Começando pelas organizações de direita (PPD, CDS, PPD), e deixando de lado as que objectivamente fazem o seu jogo (PPM, AOC/PC de P (m-l), MRPP), importa ter em consideração o que as une e as contradições secundárias que as dividem.

Assim, se o PDC aparece claramente como um partido de extrema-direita que não está disposto a acatar a democracia burguesa (o PDC recusa a Constituição «imposta» e faz do PS um dos alvos preferenciais), outro tanto nos sucede com o CDS. Esta organização de direita tem tido a preocupação de aparecer aos olhos do eleitorado como um partido que, não tendo sujado as mãos em qualquer Governo, representa, no quadro da democracia burguesa, a alternativa «centrista» para a crise em que nos encontramos.

No entanto, e a recente reportagem da «Stern» mais não faz do que os confirmar (ver nas centrais), são por demais evidentes os contactos entre o ELP/MDLP e o CDS. O mesmo se passa aliás, nos contactos com PDC. Ouçamos Freitas do Amaral: «Mantem-se algumas relações pessoais entre certos dirigentes do CDS e do PDC e estamos convencidos que um dia podemos chegar a uma situação em que as nossas relações sejam melhores».

O próprio Mário Soares reconhece que há «uma certa clientela agressiva

do CDS, na provincia e nas ilhas».

Quanto ao PPD, a sua política conduz igualmente à ordem, disciplina e autoridade que põem em causa as conquistas dos trabalhadores desde o 25 de Abril de 1974.

É assim que Sá Carneiro defende uma política económica «assente na reestruturação do sector nacionalizado, na desnacionalização das pequenas e médias empresas, no apoio e fomento da iniciativa privada», o que passa necessariamente pela existencia de uma forte repressão sobre os explorados.

Igualmente significativo sobre o PPD é o facto de, em entrevista dada a um semanário no passado dia 15, Sá Carneiro admitir ser «possível que um ou outro militante», do seu partido pertença ao MDLP!

## PS: QUE ESTABILIDADE ECONÓMICA?

Durante toda a campanha o PS insistiu em «não fazer alianças nem à direita nem à esquerda».

Sendo um ponto assente que, governando sozinho, o PS integrará em diversos ministérios homens do MSD (ex-PPDs) e do GIS (ex-MESs), a questão está em saber que beneficio tem um governo desta natureza para a classe operária e para os demais explorados.

Com efeito, o PS, sendo (tal como o PC) um dos grandes responsáveis pelas ilusões criadas no seio da classe sobre o que é e como se alcança o autentico socialismo, propõe «a trégua social necessária à unidade nacional».

Que quer isto significar?

Muito simplesmente que o PS pretende que a classe operária se porte bem e não crie qualquer espécie de dificuldades aos capitalistas nacionais e internacionais.

Porque assim é, o PS afirma que «para relançar a economia», «apelará aos empresários», bem como, «ao apoio externo necessário à recuperação económica». Quanto à Reforma Agrária, há que «corrigir os erros e excessos».

Como Mário Soares afirmou, um governo do PS (e os referidos «independentes») nos próximos quatro anos não vai assegurar a passagem (...) nem acelerar a transição para o socialismo».

Os trabalhadores nada tem a esperar da vitória do PS nas eleições. Os dirigentes do PS demonstram diariamente que o seu «socialismo» nada tem a ver com o poder dos trabalhadores de que falam em palavras.

Por outro lado, e nos termos da tão falada «estabilização da democracia», não vemos como é que um Governo PS (mesmo com o apoio tático do PC na Assembleia da República) pode aguentar este País em democracia burguesa, sem reprimir as movimentações operárias que a crise económica naturalmente provocará...

E, já agora, a respeito do apoio que o PCP terá que dar (ou não dar) ao PS na Assembleia — tudo isto, claro está se o PS e o PC estiverem em maioria na Assembleia — atente-se nesta afirmação de Mário Soares: «O PCP pode vir a encontrar-se na situação incómoda de, se não der o voto na Assembleia ao PS, ter de

Continua na pág. 4

## NOTAS BREVES

### A VELHA EUROPA

Pinheiro de Azvedo declara à revista «L'Europeen» que Portugal se vai «esforçar por agora recuperar o seu lugar na velha Europa» e que «a Europa livre vai reencontrar o seu filho pródigo: Portugal».

Se a burguesia em Portugal ganhar a luta não duvidamos que é da «velha Europa» capitalista que Portugal vai ficar dependente, bem como do imperialismo americano. Se, mesmo «o filho pródigo» que se meteu nos caminhos da aventura, mas de uma aventura que só tem que ver com a luta dos explorados pela sua emancipação.

Se os trabalhadores deste País esmagarem a burguesia o sr. Almirante está muito enganado. Não é a «velha Europa»: é a nova pela qual eles deram um grande passo para que seja construída.

### COM QUEM ANDA METIDO O PS...

Segundo o «Diário de Lisboa» de 17-4-76, Manuel Alegre, dirigente do PS afirmou num comício em Formoselo: «os caciques trazem agora ao peito o emblema do CDS e do PPD, mas é só para disfarçar, porque o verdadeiro emblema deles é o emblema da União Nacional de Salazar ou da Acção Nacional Popular de Marcelo Caetano».

E por isso que o PS está com o PPD no Governo, não é?

E por isso que Mário Soares afirmou que o CDS é um partido que aceita «o jogo democrático»?

E por isso que o PS não se importaria de se sentar à mesma mesa de Salazar e Marcelo Caetano (os seus discípulos até aceitam «o jogo democrático»)!!!

### O PS E OS «NOVE»

Na «Luta» — porta-voz da ala direita do PS — de 13-4-76, surge em grande plano uma nota sobre o comunicado da Região Militar Sul (comandada por Pezarat Correia, um dos homens dos «Nove») acerca dos incidentes de Beja.

A nota que afirma não atacar a RMS, nem o seu comandante é no fundo um ataque a Pezarat Correia, embora com falinhas mansas.

Que significado dar a esta nota, senão o de que entre a direita do PS e os «Nove» (ou grupo Melo Antunes) as coisas vão muito mal? Se juntarmos a muitas outras é caso mesmo para dizer que as coisas estão muito tortas entre os dois ex-parceiros.

### A QUESTÃO DAS ELEIÇÕES PARA O C.R.

Segundo «A Luta» de 20-4-76 «o principal ponto da agenda da reunião de amanhã» do C. R. será «a possibilidade de realização de eleições para o Conselho da Revolução».

Ainda segundo este jornal, a questão da realização de eleições para o C.R., tem sido levantada em alguns meios militares, tem ganho nos últimos dias uma certa viabilidade sobretudo na Força Aérea e ainda que «aventa-se a hipótese de ter sido um dos assuntos mais debatidos no recente almoço que reuniu Pires Veloso, Ramalho Eanes, Souto Cruz e Pinho Freire, no Norte».

Sobre este assunto, ver mais no anterior número do Revolução.

### O ELEITORALISMO DO PC

«Todos aqueles que, com frases ultra-revolucionárias, começam a falar contra as eleições, no fim de contas estão a favorecer a direita, porque estão a desviar das eleições muita gente cujo voto é necessário para impedir uma vitória da direita» — afirmou Álvaro Cunhal no Cercal.

Contrariamente a Cunhal, entendemos que não são as eleições — mesmo com uma maioria PS/PC — que vão «impedir uma vitória da direita».

Aqueles que, como o PS e o PC, criam ilusões eleitorais aos trabalhadores, dizem: isso é que é «favorecer a direita».

Há que mostrar aos explorados que a burguesia nunca foi vencida através de eleições.

## OTELO PARA PRESIDENTE

No último plenário de responsáveis do PRP, realizado há dois meses, foi aprovado por unanimidade que se apoiaria a candidatura de Oteio Saraiva de Carvalho à Presidência.

A esse respeito tiveram-se conversações com o MES, a UDP e a FSP.

Oteio, tal como outros oficiais de esquerda (lembramos Tomé, preso ainda em Santarém), dá garantias de defesa do Documento do Copcon (com o qual sempre esteve) e do Poder Popular, conceito que faz parte duma posição pública sempre defendida por aquele militar.

Chefe do Copcon, preso em Santarém, liberto, Oteio foi sempre uma figura estimada pelos trabalhadores e não pode ser batido em popularidade por qualquer dos outros mencionados para a Presidência.

Esta candidatura de esquerda pode unificar as várias tendências existentes dentro dos revolucionários e pode radicalizar a luta delimitando dois campos — o da burguesia e o do proletariado. É uma candidatura anticapitalista.

## LIBERTADOS MILITANTES DO PRP

Foram presos às 5,30 h. da manhã, na madrugada do dia 21, cinco militantes do PRP quando afixavam cartazes na parede da «Tabaqueira» em Cabo Ruivo.

Estiveram presos no Governo Civil, donde foram libertos ao fim da tarde do mesmo dia, por ter sido considerada ilegal a mesma prisão.

Faz-se notar que esta detenção se deve à denúncia de um militante do PPD que não gostou dos cartazes e comunicou à PSP que, rapidamente, colaborou com os pedepistas.

## e a actualidade nacional

# AS ELEIÇÕES PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

As eleições para a Presidência da República são olhadas pela burguesia com o maior interesse. Não é para menos.

A posição do PRP sobre esta questão é já sobejamente conhecida: É, no entanto, necessário a partir das várias informações que os revolucionários vão dispondo, analisar qual a tática das várias facções do actual Poder e do PC, e, o que isso vai implicando ao nível da correlação de forças dentro deste Poder.

## COSTA GOMES AINDA É POSSÍVEL?

Segundo o «Jornal Novo» há quem veja nas revelações de Gunther Wallraff «um afloramento de uma estratégia destinada à criação do ambiente propício a obrigar o general Costa Gomes a sacrificar-se de novo à Presidência».

## A POSIÇÃO DE PEZARAT CORREIA

Segundo «O Século» — suplemento de 20-4-76 tem-se realizado vários

encontros entre militares, num dos quais estiveram presentes: «Pezarat Correia, segundo comandante da Região Militar Sul o chefe do Estado Maior da Região Militar Sul, o chefe da 5.ª Divisão da RMS, o capitão Gil (ex-major em Angola e afecto ao MPLA; o qual está proibido de entrar no Regimento de Comandos da Amadora), o major Menino Vargas e o tenente-coronel Castelo da Silva, entre outros». Nessa reunião «foram discutidas personalidades eventualmente indicáveis para a Presidência da República».

«Os nomes que vieram a lume são os seguintes: Costa Gomes, Melo Antunes, Otel Saraiva de Carvalho, Pezarat Correia, Franco Charais, Pinheiro de Azevedo e... estranhamente Betencourt Rodrigues».

«A intervenção de Pezarat Correia que finalizou a reunião consistiu na sua autodefesa dos ataques que lhe tem sido dirigidos por certos órgãos de comunicação social e na apresentação da tese de que Costa Gomes deveria ser o Presidente da República e Melo Antunes o Primeiro-Ministro.

Em entrevista ao «Diário Popular» de 20-4-76, Pezarat considera Costa Gomes como «peça fundamental» de todo o processo desde 25 de Abril

e que ele (C.G) neste momento é atacado pela direita, porque «mais uma vez neste momento o general Costa Gomes centra à sua volta os militares que, determinantemente, se opõem à tentativa de desvio do processo para a direita».

## QUE DIZ COSTA GOMES

Convite claro a Costa Gomes é o que se pode deduzir destes extractos, mas este declarou à revista «Times Magazine» (segundo «DP de 2-4-76): «não gostaria candidatar-me a novo mandato». Uma coisa é certa: não é peremptório no não.

## QUAL O CANDIDATO DA DIREITA?

Mas, apesar dos compromissos de Costa Gomes com o passado fascista e com um presente mais que duvidoso este candidato não serve à direita fascista e fascizante. Sá Carneiro afirmou na Madeira que o PPD não apoiará a candidatura de Costa Gomes, caso esta exista.

A ala mais direitista do PS conside-

ra, por intermédio do seu órgão oficial «A Luta», o discurso de Costa Gomes na véspera das eleições como «um dos seus últimos actos políticos» e Natália Correia questiona, indignada, no artigo citado: «Quem se pretende catapultar, para dirigir os destinos deste País?» Quererá isto dizer que uma parte do PS não apoiará Costa Gomes?

Qual então o candidato da direita? Segundo fonte militar absolutamente segura na reunião efectuada no Norte entre Ramalho Eanes, Morais da Silva Souto Cruz Pinho Freire e Pires Veloso este teria sido pressionado a candidatar-se à P.R.

Entretanto Pires Veloso vai visitar os EUA. Coincidências???

Entretanto, Pinheiro de Azevedo insistiu na passada quarta-feira na sua disposição de se candidatar...

Uma coisa é certa, a burguesia ainda não se entendeu na escolha do seu candidato podendo mesmo acontecer que, de acordo com as diversas camadas (fascistas, sociais-democratas, liberais) apareçam diversos candidatos.

Finalmente o PRP e o MES, anunciaram já apoiar a candidatura de Otel Saraiva de Carvalho, sendo provável que a UDP e a FSP façam o mesmo.

# BALANÇO DA CAMPANHA ELEITORAL

Continuação da pág. 3

apoiar um Governo de direita».

Em suma: o PS admite necessitar dos votos do PC...

## QUE MAIORIA? QUE ESQUERDA?

O PCP, por seu lado, insiste que o voto útil no PC tornará possível «uma maioria de esquerda» (leia-se maioria PS/PC).

Toda a campanha eleitoral do PC foi subordinada a esta palavra de ordem, pelo que não é de espantar que muitos militantes deste partido se sintam atordoados com tamanha mistificação e eleitoralismo: depois de terem ouvido que os dirigentes do PS são aliados do capitalismo internacional, é-lhes dito para se aliarem a um partido de esquerda!

Como vemos, a direcção do PC continua a sacrificar os princípios e a prática comunista a uma eventual e mais que duvidosa permanência em alguns ministérios ou secretarias de Estado.

O PC é, pois, uma organização que

não põe em causa a destruição do aparelho de Estado burgues. Pelo contrário: o que é preciso é ocupar o máximo de lugares nesse mesmo aparelho. Para que assim seja, apela para o «voto útil», criando ilusões eleitoralistas nos sectores da classe operária e camponesa que ainda lhe são sensíveis. É neste contexto que, tal como o PS, o PC não hostiliza a extrema-esquerda (FSP, MES e UDP, neste caso). Ao contrário: o PCP apela para que os «pequenos agrupamentos» votem «seguro contra a reacção», pois que «votos divididos são votos perdidos».

## ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA

Embora estivessem presente na campanha organizações que englobam militantes sinceramente devotados à causa do Socialismo e do Comunismo, nem por isso, ao fim e ao cabo, elas deixaram de fazer uma campanha reformista e eleitoralista.

Compreende-se, de resto, que uma organização que se lança na campa-

nha para, em competição com as fortíssimas máquinas dos partidos burgueses, obter o máximo número de votos, o tenha que fazer em prejuízo dos seus próprios princípios e através de uma deficiente explicação dos meios que vai utilizar para atingir os fins que pretende.

Vejam os casos concretos da UDP e do MES.

De acordo com a primeira destas organizações «o programa de luta imediata da UDP é a caminhada que nos permitirá unir o povo e conquistar um Governo antifascista e patriótico».

Apesar disto, a UDP nada nos disse sobre o modo como deverá ser feita essa caminhada nem, menos ainda, sobre a constituição desse «Governo antifascista e patriótico».

É esse o governo que instaura a Democracia Popular? E qual o modo de produção dominante que existe num regime com um tal governo?

Por outro lado, e tal como o MES (pelo menos que tenhamos conhecimento), a UDP não referiu, uma vez que fosse, a necessidade em se armar a classe.

Todos estamos de acordo que «o

caminho da luta é o único que pode afastar o perigo fascista». Só que existem diversos níveis de luta... E não é a luta reivindicativa que, isoladamente, «afasta o perigo fascista». Há que considerar também a luta armada.

Porque motivo nenhuma organização se lhe referiu?

Quanto ao MES, pese embora o facto de se tratar de uma organização que defende o Poder Popular, não podemos deixar de manifestar o nosso desacordo por se auto-intitular «a voz do Poder Popular» e «o partido da Esquerda revolucionária».

Embora o MES reconheça que «não será uma «maioria de esquerda» que derrotará a conspiração fascista», a verdade é que o Poder Popular — lemb que o povo não delega em ninguém a expressão da sua vontade — só barrará de facto o caminho ao fascismo se for Poder Popular Armado.

Por outro lado, se o Poder Popular não delega em nenhum Partido (nas actuais condições políticas em Portugal) «a expressão da sua vontade», como se afirma o MES «a voz do Poder Popular»?

nos bairros

FETAIS

DESVIO DO AUTOCARRO

Foram 24 dias de luta pelo direito a um transporte decente. Trata-se de uma situação exemplar, onde os trabalhadores demonstraram que com determinação e capacidade organizativa não há forças burguesas que se lhes oponham.

O «Revolução» esteve em Fetais onde falou com um membro da Comissão de Luta deste bairro.

«Revolução» — Camarada, como começou a luta?

Membro da Comissão de Luta — Tudo começou com um Plenário onde, face à falta de transportes, se aprovou o desvio do autocarro da Carris.

Preferimos o transporte da Carris porque o itinerário da carreira 17 é totalmente diferente do da Boa Viagem. Esta dá assistência com itinerário até Entrecampos e Alvalade (Metropolitano). Ora, o povo de Fetais trabalha noutras zonas da cidade, e só com a Boa Viagem, via-se limitado ao Metropolitano, enquanto que com o 17 temos acesso à Av. do Brasil, Areeiro, Sapadores, Graça, etc. até ao Cais do Sodré. Além do problema ser também económico: a Boa Viagem sai mais cara, pois não tem passe-social.

Revolução — Como fizeram o desvio do autocarro?

M.C.L. — Fomos às Galinheiras, divididos em vários grupos. O primeiro grupo meteu-se dentro dum autocarro, outro grupo dentro doutro, até que chegámos a ter, aqui, quatro autocarros. Numa primeira fase, não os deixámos ir. Chegava um, ia-se outro embora, e assim rotativamente até que pensámos reter aqui o 721 da carreira 17. Ele ficaria retido até vermos a nossa justa reivindicação aceite.

Revolução — Sabemos que a PSP e a GNR intervieram neste processo. Como apareceram e que tipo de acção tiveram?

M.C.L. — Apareceram 4 carros de patrulha da PSP assim como um Mercedes grande com policia de choque, armados de G-3, granadas de mão e

coletes anti-bala. A GNR também apareceu armada até aos dentes.

O povo, perante esta provocação, juntou-se no largo onde o autocarro retido estava estacionado e, com firmeza, afirmou que o autocarro não saia dali. Então eles, logo depois, acabaram por se ir embora.

Revolução — Qual o papel que as Comissões de Moradores dos bairros vizinhos desempenharam nesta luta?

M.C.L. — Uma das primeiras preocupações que tivemos, foi contactar com as CM dos bairros vizinhos que, desde logo, se solidarizaram com Fetais. Inclusive, a C.M. da Musgueira, elaborou uma moção de apoio para ser entregue ao ministro dos Transportes. Contactámos, também, a Associação dos Inquilinos que, desde logo, apoiou a nossa luta. Portanto estávamos a avançar com força e a receber apoio de muitos lados, o que contribuiu certamente para a vitória.

Revolução — Vocês, nos primeiros dias, devem ter dialogado com o Ministério, Carris e Boa Viagem. O que é que se passou?

M.C.L. — Exactamente. Logo de início fomos à Carris para discutirmos o nosso problema. Lá disseram-nos que tínhamos que falar com o Ministério dos Transportes. Logo dali partimos para o Ministério onde, muito a custo, conseguimos falar com o subsecretário dos Transportes que nos disse: «Não senhor, a Carris não vai a Fetais. Além do mais — continuou ele — era com a Carris que se tinha de tratar o assunto».

Então, foi um nunca mais acabar

de falar, com a Carris e o Ministério, até que resolvemos fazer uma reunião com as tres partes interessadas: a Carris, a Boa Viagem e o Bairro de Fetais. Nessa reunião também não avançámos muito, além do apoio que recebemos dos delegados da C.T. da Boa Viagem. Todos eles foram unânimes em afirmar que o problema tinha que ser resolvido entre nós e o Ministério.

Revolução — A partir daqui vocês ganharam consciencia de que a luta tinha que entrar numa nova fase?

M.C.L. — Chegámos à conclusão de que a luta teria de ser travada entre dois campos — nós e o Ministério dos Transportes. Para levarmos a luta até ao fim era preciso fazermos uma grande propaganda. Por isso, fizemos comunicados que foram distribuídos nos bairros, alertando as pessoas para o que se estava a passar. Entretanto preparámos uma ida ao Terreiro do Paço. Alugámos um autocarro à Carris que cobrimos com bandeiras onde pintámos palavras de ordem. Quando chegámos ao Terreiro do Paço, disseram-nos que o ministro não estava. Entretanto, falámos com o engenheiro Manuel Moura, que tentou desviar a conversa do objectivo que ali nos levou. Disse depois que o autocarro não podia ir a Fetais. Mas, para surpresa nossa, chegou o subsecretário de Estado que nos garantiu que o ministro ia autorizar a ida do autocarro a Fetais, a partir do dia 1 de Maio.

Revolução — Queres, agora, acrescentar mais qualquer coisa?

M.C.L. — Quero dizer que a vitória foi difícil mas foi certa. Mas a luta vai continuar, ela não pára com o autocarro. Há sempre coisas a fazer. Devemos alcançar outros objectivos, como escolas, balenários e o parque infantil. Há ainda muita coisa a fazer.

Luta dos Trabalhadores

DORSIL

Empresa de construção civil com cerca de 100 trabalhadores está agora no segundo período grevista.

A primeira greve, em Fevereiro foi de doze dias. Esta segunda já dura há duas semanas. Os trabalhadores continuam a exigir o pagamento de retroactivos, subsídio de férias de 1974 e 13.º mês de 1975. Estão decididos a manter a greve até verem satisfeitas as suas reivindicações.

GENERAL MOTORS

Fábrica de montagem de automóves, cerca de 760 trabalhadores, mantém-se em greve de zelo, exigindo a aplicação da portaria dos metalúrgicos a todos os trabalhadores da empresa. Também estes trabalhadores estão no segundo período de greve, tendo sido o primeiro há cerca de duas semanas.

DISTRIBUIÇÃO DE CERVEJAS

Os trabalhadores de sete empresas de distribuição de cerveja mantiveram 15 dias de greve pela manutenção dos postos de trabalho e pela integração na Sociedade Central de Cervejas.

Esta greve saiu vitoriosa, tendo os trabalhadores visto satisfeitas as reivindicações na íntegra.

TÊXTIL LEONESA

A administração desta fábrica de tecidos de seda mantém-se na disposição de mudar de local de trabalho uma operária activista da fábrica, alegando uma hipotética «falta» que ela teria cometido. Como avanço na luta os trabalhadores já puseram em prática o deliberado em plenário, de não deixar entrar na fábrica nenhum «fura-greves».

FÁBRICA PRESMAN

Fábrica de boinas em S. João da Madeira com cerca de 920 operários, manteve 1 dia de greve que foi suspensa por manipuladores ao que parece afectos ao PPD e CDS. Os trabalhadores (na fábrica não existe CT) entraram em greve contra a suspensão da única delegada sindical existente.

MARINHA MERCANTE

No navio «Beira» a descarregar no porto de Leixões, os trabalhadores exigiram nesse única para oficiais e outros tripulantes. Al começou o litígio que poderá acabar em greve generalizada da marinha mercante, não só pela existência de messe única nos navios, mas também pelo direito ao trabalho, já que estão a ficar parados bastantes navios sem que seja dado trabalho aqueles que nelles trabalhavam.

Continua na pág. 6

JOSÉ ESTEVES

FIANDEIRO:

GREVE

Os 150 trabalhadores do José Esteves ainda só receberam 1000\$00 (mil escudos) do retroactivo e o patrão, neste momento, deve-lhes uma média de 8 dias de férias, assim como o ordenado do mes de Fevereiro.

Entretanto, o que mais os aflige é estarem em Abril e ainda não terem recebido o ordenado referente ao mes de Fevereiro.

Face a este problema, e depois de a entidade patronal não ter cumprido com as promessas feitas aos trabalhadores, estes reuniram-se em plenário, no dia 5 do corrente, analisaram as manobras do patrão e a sua situação decidindo, a partir daí, entrar em greve até que o patroa pague o ordenado referente ao mes de Fevereiro.

Dentro em breve esperamos desenvolver com mais pormenores esta luta.

CAMPANHA DE APOIO AO "REVOLUÇÃO"

|                                   |            |                                 |           |
|-----------------------------------|------------|---------------------------------|-----------|
| R. (Lisboa)                       | 10.000\$00 | Por uma Escola Vermelha         | 500\$00   |
| Pela Revolução Socialista         | 500\$00    | Estivador                       | 150\$00   |
| C. J. (Almansil)                  | 100\$00    | Abónimo                         | 100\$00   |
| J.M. (Cacém)                      | 500\$00    | Viva o 1.º de Maio (Covilhã)    | 1.000\$00 |
| J.C. O. (Aveiro)                  | 130\$00    | A.A. (Lisboa)                   | 250\$00   |
| Contra a Censura do Poder Burguês | 1.000\$00  | Fora com a Canalha (Lisboa)     | 3.000\$00 |
| Grupo de Simpatizantes de Coimbra | 200\$00    | A.F. (Barreiro)                 | 300\$00   |
| 6 Simpatizantes (Vimioso)         | 180\$00    | J.T. (Cova da Piedade)          | 150\$00   |
| F.M.L.S. (Cano-Alto Alentejo)     | 100\$00    | M.J.A. (Setúbal)                | 200\$00   |
| A Luta Continua                   | 2.000\$00  | Camponês do Ribatejo            | 100\$00   |
| M.M.G. (Porto)                    | 500\$00    | Anónimo                         | 100\$00   |
| Operário Têxtil                   | 100\$00    |                                 |           |
| M.J.C.M. (Barreiro)               | 100\$00    | J.S. (Lisboa)                   | 150\$00   |
| J.A.F. (Lisboa)                   | 500\$00    | T.A. (Lisboa)                   | 200\$00   |
| Pela Ditadura do Proletariado     | 700\$00    |                                 |           |
| M.T.S. (Porto)                    | 8.000\$00  | Metalúrgicos Revolucionários    | 500\$00   |
|                                   |            | Um Marxista                     | 50\$00    |
| S.J.A.S. (Portimão)               | 400\$00    | A Imprensa ao Serviço do Povo   | 500\$00   |
| M.D.C. (Coimbra)                  | 90\$00     | Soldados Revolucionários        | 1.000\$00 |
| A. J.C.A. (Porto)                 | 50\$00     | Grupo de Simpatizantes (Évora)  | 500\$00   |
| 5 Leitores do Revolução (Braga)   | 500\$00    | J.C. (Lisboa)                   | 280\$00   |
| A.M.S.S. (Aveiro)                 | 300\$00    | O.J.A. (Trafaria)               | 300\$00   |
|                                   |            | Vidreiros Comunistas            | 1.600\$00 |
| C.L.L.P. (Lisboa)                 | 100\$00    | J.E. (Covilhã)                  | 270\$00   |
|                                   |            | Militar Antifascista            | 260\$00   |
| A.T. (Valença)                    | 200\$00    | M.F.A. (Bombarral)              | 600\$00   |
| Amigos do Revolução V. Castelo    | 1.000\$00  | Morte ao Fascismo (Portalegre)  | 500\$00   |
| Abaixo o Fascismo (Guarda)        | 600\$00    |                                 |           |
| A.F.C. (Coimbra)                  | 500\$00    | Anónimo (Paredé)                | 1.000\$00 |
| J.J.G.S. (Monte Gordo)            | 200\$00    | Por uma Imprensa Revolucionária | 2.500\$00 |

regional

BEJA

# O poder reprimiu mas os trabalhadores responderam

O Alentejo é das regiões do País com mais tradições de luta.

Os trabalhadores tem presentes na sua memória a imagem de repressão e exploração desenfreadas que os latifundiários exerciam sobre eles através dos seus cães de fila (GNR, PSP). Por isto, o povo do Alentejo, e neste caso o de Beja, já não está disposto a viver debaixo das patas dessa camarilha parasita.

O povo alentejano provou em Beja que está disposto a lutar até última gota de sangue pela Revolução Socialista.

No passado dia 10, por ocasião do comício do PPD e respondendo ao apelo feito pelo Comité Revolucionário Antifascista de Beja, milhares de pessoas concentraram-se junto à Praça de Touros, ultrapassando a direcção revisionista do PCP, que não se cansava de apelar à desmobilização.

Entretanto, a GNR e a PSP haviam já montado um forte dispositivo de segurança, composto por 80 polícias, GNR de cavalaria e infantaria e outros cães. Todavia, este aparato não intimidou os trabalhadores que, perante a arrogancia dos PPD, começou a apedrejar-lhes os carros e a queimar-lhes as bandeiras. Cada fascista que passava era assobiado e apedrejado, gerando-se mesmo cenas de autentica batalha.

A GNR começou a deitar tiros para

o ar e a jogar granadas, mas o povo não recuou e ocupou posições estratégicas nas esquinas, entrando em guerra aberta contra os laçaios do capital.

Quando o comício acabou, o povo esperava os fascistas na rua, para mostrar bem o ódio que lhes tem. Re-listaram-se cenas de pugilato, sendo os PPD esmagados pela fúria dos trabalhadores, os quais avançaram em manifestação para a Praça da República, tendo no caminho sido saqueada a sede do CDS. Só não sucedeu o mesmo à do PPD porque entretanto a PSP e a GNR a protegeram.

Entetanto, através das fotografias publicadas pela «A Capital», a PSP prendeu 4 camaradas. Mas a reacção popular não se fez esperar e não demorou muito para que a Praça defronte da esquadra se enchesse com trabalhadores que exigiam a libertação imediata dos detidos.

A PSP mandou dispersar a população mas o povo não arredou pé. Avisaram os manifestantes que tinham 5 minutos para dispersar mas, como os trabalhadores não saíram, os polícias saltaram para a rua carregando de cassetete sobre os manifestantes.

A reacção do povo foi pronta, fazendo a polícia recuar, ao mesmo tempo que lançava tiros para o ar e granadas de gases lacrimogéneos, que lhes serviam de cobertura.

Perante a incapacidade da polícia em dispersar a manifestação, a burguesia mandou os soldados do RAB para reprimirem o povo.

Mas os soldados mostraram mais uma vez na prática que estão ao lado dos trabalhadores, e recusaram-se a reprimir. Foi então que o governador civil mandou vir de Lisboa os criminosos e mercenários da Polícia de Choque, enquanto que o PC distribuía comunicados dizendo que tudo aquilo era obra de grupelhos anticomunistas.

Mas o povo repudiou tal comunidade, assim como os indivíduos que o andavam a distribuir. Um dirigente do PC chegou mesmo a ser apedrejado.

Posto isto, e após a Polícia de Choque ter dado 15 minutos para o povo dispersar, os mercenários avançaram armados até aos dentes contra o povo indefeso que, apesar disto, não recuou debaixo das balas e fez a dita polícia recuar debaixo de uma chuva de pedras, o que obrigou alguns polícias a serem retirados em braços.

Alguns camaradas tiveram que ser levados para o hospital com balas em diversas partes do corpo.

O povo não temeu as balas e mostrou aos senhores do poder que a Polícia de Choque não chega para esmagar os trabalhadores. Os soldados, por seu lado, puseram-se ao lado do povo, com as suas armas viradas contra a Polícia de Choque, até que o comandante do RAB os ameaçasse de prisão. Depois dos incidentes, 3 deles foram presos.

A Polícia de Choque ficou por detrás da esquadra lançando rajadas de metrelhadora, tendo atingido o operário Manuel Pratas Palminha, que morreu com uma bala no coração.

No dia 15, foi o CDS que quis provocar o povo de Beja.

Para isso vieram mais Polícias de Choque que, conjuntamente com a GNR e a PSP, montaram um aparelho repressivo nunca antes vistona cidade. Depois do comício, os fascistas foram esmagados pelos populares que lhes partiram os carros, tendo alguns CDS recebido tratamento no hospital.

Camaradas! Daqui tiramos a conclusão que não é com votos que os trabalhadores vencem a Polícia de Choque mas sim através da sua unidade e das armas. Alguns trabalhadores, durante os incidentes, chegaram mesmo a afirmar que faziam ali falta as Brigadas Revolucionárias. Daqui também se concluiu que os trabalhadores ultrapassam na prática a direcção do PC, e que já não se deixam ir nas conversas de conciliação de classes.

Quando o PRP distribuiu o seu comunicado num bairro pobre de Beja, alguns trabalhadores disseram que, se fosse do PC, lhe escarravam em cima.

É na prática e na luta que os trabalhadores veem realmente quem os defende.

## Luta dos Trabalhadores

Continuação da pág. 5

### MIDERAMICA

Fábrica de cerâmica, os trabalhadores encontram-se em greve progressiva há cerca de uma semana, podendo ir até à greve total num curto espaço de tempo. Os trabalhadores reivindicam a verticalização da empresa e um aumento salarial para todos os que auferem um vencimento inferior a 7000 escudos.

### FACAR

Era mais uma empresa em que os trabalhadores estavam sob a ameaça do regresso dos patrões devido à cobertura dada por alguns deles manipulados por reaccionários.

Os trabalhadores foram-se consciencializando ao longo dos últimos dias acabando por ultrapassar completamente os caciques locais, votaram em plenário por escrutínio secreto o não regresso dos patrões.

### MINEIROS

Depois da greve que se estendeu a nível nacional, e ao cabo de sete meses de luta, mineiros de todo o País manifestaram-se em Lisboa no dia 13 exigindo o seu contrato colectivo de trabalho (o primeiro do sector) estando dispostos a tudo para o conseguir.

### PÃO DE AÇÚCAR

Os trabalhadores dos supermercados Pão de Açúcar e associadas estão a ser alvo de grandes pressões por parte do MCI para a reintegração dos ex-directores.

Apesar de todas as pressões os trabalhadores não se intimidaram e mais uma vez decidiram em plenário recusar o regresso dos ex-directores considerando a posição do Ministério «uma verdadeira afronta a todos os trabalhadores».

### METALÚRGICA LONGRA

A administração faz neste momento ameaças de despedimento e suspensão aos trabalhadores mais activos da empresa. Em Janeiro de 1976 os trabalhadores estiveram em greve com ocupação das instalações durante nove dias pelo correcto pagamento dos salários.

### TOMÉ FETEIRA

Os trabalhadores perante o impasse criado quer pelo Ministério da Indústria, quer pela entidade patronal, em reunião realizada ontem no Ministério em que a administração resolveu negar o que já tinha ficado acordado e o Ministério pretende conciliar com esta posição e não apresentou novas propostas decidiram em plenário (dia 21-4-76): cercar as instalações de outra empresa dos feteiras não deixando sair o Albano Feteira enquanto este não ceder.

Os trabalhadores continuam a exigir o pagamento dos salários pela portaria dos Metalúrgicos, apoio do Ministério do Comércio Externo para a colocação dos produtos no estrangeiro e reestruturação da empresa.

## OS FASCISTAS VIERAM A JOANE ARREGANHAR OS DENTES

Ontem os facistas do C.D.S. quiseram vir à nossa terra de Joane. Quiseram vir enganar o povo trabalhador das fábricas e dos campos. Eles que são os patrões e os amigos deles vieram insultar o povo trabalhador e ainda por cima vinham armados até aos dentes com matracas, chicotes, caçadeiras e até pistolas.

Porque é que eles vinham armados?

Concerteza que era para nos atacar, a nós trabalhadores e porque sabiam que a nossa terra não é dos fascistas e porque queriam intimidar-nos, pois só dessa maneira é que conseguem levar a melhor.

Os grandes dirigentes do C.D.S. que vinham deitar veneno sobre nós são os mesmos que já colaboraram com Salazar e Marcelo Caetano e o querem é que Portugal volte ao fascismo.

Quando os fascistas do C.D.S. viram que nós tínhamos uma certa força que as caçadeiras e pistolas que traziam não chegavam, chamaram a G.N.R. que veio imediatamente. E veio para estar ao lado deles e contra nós.

Mas nós, trabalhadores e camponeses que lutamos conscientemente no tempo do fascismo, não podemos deixar que as vitoras façam o que querem. Temos que nos organizar nas fábricas e nos campos para que possamos correr com essa escumalha fascista.

MORTE AO FASCISMO E A QUEM O APOIAR!  
FORA COM OS ENGANADORES DO POVO TRABALHADOR!  
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!

Secretariado da Organização Local do  
PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO

# SUV MANIFESTO

Tendo em atenção que as condições políticas após o 25 de Novembro mudaram, dentro e fora dos quartéis, os S.U.V. (Soldados Unidos Vencerão) fizeram uma alteração ao seu manifesto. Esta alteração não quer dizer que os SUV ACHEM QUE OS OBJECTIVOS MUDARAM; MAS SIM QUE AS FORMAS DE LUTA TÊM TAMBÉM QUE INCIDIR SOBRE ASPECTOS DA NOVA SITUAÇÃO POLÍTICA CRIADA PELO GOLPE REACCIONÁRIO DE 25 DE NOVEMBRO. Assim, o primeiro e o terceiro pontos do manifesto mantêm-se na integral.

Após analisarmos a actual situação político-militar, fica claro que o avanço da direita militarista nos quartéis, e não só, põe-nos o problema de alterar neste momento a tática a utilizar contra a opressão e repressão que dia a dia se tornam mais violentas, como modificar as formas de organização.

## MANIFESTO

1 — Soldados Unidos Vencerão (SUV) é uma frente unitária anticapitalista e anti-imperialista que aparece num momento em que a reacção fascista se organiza de novo, aproveitando-se das hesitações e das divisões introduzidas no seio dos trabalhadores assim como da política dos governos que não souberam nem quiseram defender as justas reivindicações das lutas dos operários e camponeses dos quais nós, soldados, fazemos parte.

2 — Soldados Unidos Vencerão (SUV) luta com todos os trabalhadores, pela preparação de condições que permitam a destruição do exército burguês e a criação do braço armado do poder dos trabalhadores: o Exército Popular Revolucionário.

SEMPRE, SEMPRE AO LADO DO POVO É O NOSSO LEMA

OPERÁRIOS E CAMPONESES, SOLDADOS E MARINHEIROS, UNIDOS VENCEREMOS

## TAREFAS IMEDIATAS:

Assim os SUV propõem-se levar a cabo uma ofensiva autónoma como carácter de classe estabelecendo como objectivos prioritários os seguintes:

- lutar por uma vida democrática nos quartéis, exigindo a restituição da liberdade de reunião e associações das praças;
- lutar pelo direito de informação;
- lutar contra o afastamento de militares progressistas e pela expulsão dos reaccionários dos quartéis;
- lutar pela libertação dos oficiais revolucionários presos;
- não permitir que se sirvam de nós para reprimir os nossos irmãos trabalhadores;
- lutar contra a disciplina militarista e pela extinção do RDM fascista;
- lutar pela melhoria das condições de vida dos soldados (pelo aumento de prêmios, pelos transportes gratuitos, pelo rancho e bares comuns).

## REGIMENTO DE LANCEIROS DE LISBOA

# COMUNICADO DO NÚCLEO SUV

Nos primeiros dias deste mês o núcleo SUV do Regimento de Lanceiros de Lisboa (PE) distribuiu profusamente o seguinte comunicado:

«O Regimento de Polícia Militar esteve e está em foco embora de maneiras antagónicas. Primeiramente, e como é do conhecimento geral, a partir do 11 de Março e até ao 25 de Novembro, esteve o RPM incondicionalmente ao lado do povo. Os militares do RPM conscientes de que só de uma aliança forte dos explorados e oprimidos resultaria a união indispensável que poderá derrubar o capitalismo — fascismo e seus lacaios, deitaram mãos à obra e enveredaram pelo caminho que melhor servia os interesses desses mesmos explorados. Não se tratava de demagogia, pois a verdadeira democracia, a dos órgãos do poder popular, era sempre respeitada. Os trabalhadores e moradores pobres que tiveram oportunidade de contactar com esses militares sabem muito bem se estes os apoiavam ou não. As comissões de moradores e as comissões de trabalhadores viram a sua luta faci-

litada pela cooperação do RPM.

Um sonho de muitos moradores de casas deterioradas ou de bairros de lata — ocuparam uma casa devoluta — tornou-se realidade com a ajuda da PM.

Os militares das outras unidades já não viam no militar PM a onda de terror e sacanice a que estavam habituados: viam no militar PM um elemento amigo, um Camarada! É que a repressão militarista tinha sido abolida dos regulamentos da PM e fora substituída pela «compreensão revolucionária»!

Contudo, a reacção monopolizando a informação pública dizia «que aquilo era uma «hierarquia» nem era um bando, porque um bando tem um chefe» (como disse o facho Vasco Lourenço quando da sua visita ao novo regimento de Lanceiros de Lisboa).

## E o comunicado termina deste modo:

«Os soldados deste regimento estão oprimidos mas não perderam a coragem nem a vontade de lutar! A

## SOLDADOS REVOLUCIONÁRIOS PRESOS

# ELEIÇÕES: E A REPRESSÃO?

Aproximam-se as eleições, anunciadas com trombetas e cânticos pelos partidos e órgãos de comunicação da burguesia, que as mostram como o exemplo vivo da «liberdade», da «expressão da vontade popular», da «democracia» e da «sociedade mais justa». Um simples quadradinho de papel, uma cruzinha num símbolo partidário e eis a vida do povo transformada de um dia para o outro, qual arte mágica da varinha de condão de uma fada providencial! Eis o que nos querem fazer acreditar os charlatões da nossa praça, desde o idóneo magistrado ao venal jornalista, desde o isento general ao inflamado secretário-geral. É, ao alto, como pano de fundo desta nova cerimónia religiosa com que se vai iludindo (ou tentando iludir), o povo explorado, que vemos nós? O Deus-Pai Capital, a Virgem-Santa Burguesia e o Filho-Salvador Polícia, reunidos num só, o Santíssimo Espírito-Santo Estado burguês.

Não que regeitemos, como radicais, a luta no terreno das eleições. Sabemos que o ABC da luta revolucionária consiste em lutar atrás das linhas do inimigo, minando-lhe as rectas e desorganizando-lhe as instituições. Mas não deixaremos de levantar a nossa voz dissonante em período de núpcias, para fazer notar que a noiva, a nossa pura Democracia, não é assim tão candida e virgem diante do altar como nos querem fazer crer, e que está realmente muito conspurcada e, mesmo, ameaçada por perigosa doença venérea que a poderá levar à urna, não a dos votos, mas a do fascismo. Essa doença chama-se Repressão.

Nós, que sofremos na própria pele essa chaga, queremos recordá-la a quantos se preparam para cumprir o «digno dever de cidadão» que é o voto. Militares encarcerados, não por pormos em causa as liberdades populares, mas por as defendermos enérgica e decididamente contra quantos as ameaçam pela cobertura que dão às hienas fascistas, nós denunciámos por este meio as irregularidades, atropelos, injustiças e arbitrariedades que os senhores dos comandos das forças militares e militarizadas continuam cometendo nas pessoas de milhares de presos, civis e militares, por esse país fora. Ao mesmo tempo que libertam pides e outros fascistas, e dão cada vez mais força às polícias, guardas e tropas de elite que floresceram na era salazarista, os senhores dos altos comandos e do Governo tem vindo a expulsar do Exército ou a encarcerar todos quantos, lutando por uma Democracia Popular e por um Socialismo autênticos, levantam a sua voz contra o retorno do militarismo e do

hercenerismo aos nossos quartéis.

Dentro dos presídios e dos depósitos disciplinares, num dos quais nós nos encontramos, praticam-se diariamente barbaridades e desmandos que cada vez nos recordam mais o tempo antigo. Soldados que são presos nas costas dos seus camaradas e conduzidos apressadamente das suas unidades para esses estabelecimentos de repressão, sem qualquer culpa formada e apenas por decisão verbal de uns quantos caciques subitamente promovidos a inquisidores. Militares que são enclausurados em celas, isolados durante dezenas de dias, sem conhecimento de qualquer condenação formal. Soldados que são espancados pelos oficiais e metidos no «segredo» em condições desumanas do ponto de vista de higiene, da saúde, do estado moral e psíquico, etc. Condições de vida sub-humanas no aspecto alimentar, sanitário, educativo, informativo, etc. Exploração dos presos em autênticos trabalhos forçados, não pagos, em que o produto reverte exclusivamente para os comandos e cuja recusa da parte do preso tem as consequências devidas.

Tais são apenas alguns aspectos, numa descrição muito sumária, de práticas que se tornam cada vez mais frequentes. É a justo título que nós perguntamos: **quanta hipocrisia não está a ser espalhada em volta da «liberdade»**, num momento em que tudo isto se vai tornando moeda corrente, num momento em que é cada vez mais frequente as forças militares e militarizadas dispararem sobre o povo trabalhador? Em breve iremos votar, mas para além do acto puramente formal e insignificante que é fazer uma cruz num papel, o que é que urge fazer, que medidas práticas e que acções decisivas devemos levar a cabo, todos os operários e camponeses, todos os soldados e marinheiros, todos os oprimidos e explorados, para impedirmos que num futuro mais ou menos próximo não tenhamos transplantados para o nosso país os odiosos crimes ainda frescos do Exército colonial, a negra repressão do terrorismo fascista, que mal acaba de ser varrida da nossa Pátria e tão horrorosos aspectos tem assumido no Chile? É uma interrogação que lançamos ao nosso povo em vésperas de eleições, neste local em que nos encontramos presos às ordens dos Eanes, dos Neves e dos Velosos.

15 de Abril de 1976

UM GRUPO DE SOLDADOS  
REVOLUCIONÁRIOS PRESOS

prova desta nossa vontade são as inscrições revolucionárias que aparecem nas nossas casernas fazendo os nazis tremer de raiva, são os panfletos de agitação revolucionária que aparecem frequentemente neste quartel e que são como verdadeiras bofetadas na

prova desta nossa vontade são as inscrições revolucionárias que aparecem nas nossas casernas fazendo os nazis tremer de raiva, são os panfletos de agitação revolucionária que aparecem frequentemente neste quartel e que são como verdadeiras bofetadas na

## Novas revelações sobre Spínola, o MDLP e seus cúmplices

Um comandante de Faro, o dono do Casino de Vila Moura, novos nomes do Conselho da Revolução, como figuras destacadas ou cúmplices do M. D. L. P., são algumas das revelações feitas ao nosso jornal por Gunther Walraff, jornalista da «Stern».

Conhecemos Gunther Walraff no Verão de 1975, quando este jornalista veio a Portugal em busca de conhecer mais alguma coisa do que a simples visão superficial das reportagens e das entrevistas, feitas na perspectiva de um estrangeiro. Walraff esteve nas cooperativas, viveu com o dia-a-dia dos trabalhadores que se começavam a libertar da opressão de séculos. Como aconteceu com muitos outros, passou a amar esta terra e o seu processo revolucionário, temendo o regresso do fascismo. Foi isso que o levou a meter ombros ao trabalho de infiltração que corajosamente levou a cabo, conseguindo revelações sensacionais, que abalaram o actual poder político.

A nossa correspondente na Alemanha, L. M., procurou Gunther Walraff, com quem trocou largas impressões, que reproduzimos em seguida. Walraff prometeu-nos ainda mais informações, que publicaremos logo que nos chegem.

«Revolução» — Qual o conhecimento que tem sobre a situação política em Portugal, e aquilo que o M. D. L. P. representa?

G. W. — Eu fiquei espantado e amedrontado com tudo o que havia, e do modo como as ligações do M. D. L. P. com o Poder já são um facto.

Acreditava nos membros do Governo e do C. R., porque sou uma pessoa, que através do meu trabalho, em Portugal, tive oportunidade de verificar criticamente algumas actuações de vários grupos que me pareceram incorrectas, entre os quais, o P. C.

Como estrangeiro que não estava directamente ligado a Portugal, tentei desenvolver contactos com diversas pessoas ou grupos, entre elas pessoas do C. R., do P. S. (nomeadamente Lopes Cardoso), que me impressionou muito positivamente porque me pareceu representar um garante para a Reforma Agrária. Falei também com Costa Gomes demoradamente, entre outras pessoas.

Através dos contactos que desenvolvi com o M. D. L. P., desde as bases do Norte até ao Spínola, pude saber por diversas vezes e por diversas fontes (do M. D. L. P.) que havia, efectivamente, contactos entre o M. D. L. P., o C. R. e pessoas do Governo.

O que veio na «Stern» apareceu num momento de pressão porque os serviços secretos alemães andavam a ligar o meu telefone e, eu num determinado momento soube que era conhecido o meu encontro com o Spínola, e fui obrigado a publicar imediatamente aquilo que possuía. O que foi publicado na «Stern» só dá uma pálida ideia das informações que possuo nas gravações que tenho.

Se não tivesse acontecido isso (eu já estar a ser perfeitamente conhecido pelos serviços secretos), teria aceitado o convite que Spínola me fez, para me encontrar com ele em Geneve, uma semana mais tarde, querendo ele apresentar-me os quadros do M. D.

L.P. no Sul de Portugal, nomeadamente um comandante do M. D. L. P. em Faro, um homem de 30 anos, com experiência em África, portanto um perfeito mercenário, mais outro no Alentejo, etc.

Tratava-se de ele me fazer verificar que tinham contactos, que tinham quadros, sobretudo no Sul (porque no Norte era perfeitamente evidente que já não havia dúvidas pois eu próprio os tinha contactado).

As gravações que tenho até agora, só do Spínola e seus assistentes são 12 horas e, com as pessoas dele no Norte, são mais 20 horas.

Como, em Portugal, alguns jornais fascistas do Norte e até alguns conservadores que vão, por exemplo, até ao jornal «A Capital», não querem reconhecer a verdade dos factos, decidi reunir os documentos mais importantes num livro e, além do mais, fazer publicar um disco com o som original das gravações para por à disposição dos grupos antifascistas em Portugal para que eles próprios possam ter uma ideia, uma noção mais aproximada da extensão da rede do M. D. L. P.

«Revolução» — Mais precisamente quais as ligações entre o M. D. L. P. e o actual Poder?

G. W. — Eu próprio, quando comecei a trabalhar nesta história, não percebi aquilo em que me estava a meter e comecei a fazê-lo quase como jornalismo puro, e nem sequer percebi as consequências políticas que podia haver em tudo isto.

Faz-me um certo pavor a extensão que tal rede conspirativa possa ter tomado entretanto, ou que esteja tomando ainda.

Alguns nomes até agora nunca foram mencionados ou só foram referidos assim por alto.

Devido à pressão que me fez publicar aquilo rapidamente, não me foi possível traduzir toda a fita gravada

# PARA O MDLP HOMENS A N SÃO RAMA FIRMINO E CANTO



que tinha. Foi uma corrida contra o tempo e, portanto, agora ainda estou a trabalhar na interpretação das fitas que possuo pelo que, a pouco e pouco, vou sabendo de mais informações.

Além dos membros do C. R. já referidos e mencionados pelos homens de Spínola, no Norte, e que foram publicadas pela «Stern», os assistentes de Spínola, Dias e Figueiredo, referiram-se a coisas como o seguinte: o próximo Presidente da República poderia ser um homem como Pinheiro de Azevedo (eles referiram isto várias vezes), pois que o próximo presidente, de qualquer modo, será um presidente

fantoches e será rapidamente queimado e, portanto, há que poupar (segundo o M. D. L. P.) «os nossos homens» para depois os investir na devida altura.

Os melhores homens (na perspectiva do M. D. L. P.) que tem apoio nos órgãos do Poder são (repetidas vezes mencionados): Ramalho Eanes, Firmínio Miguel e ainda um que não foi referido (por essa dificuldade das transcrições), Canto e Castro. Kaulza de Arriaga — que eles dizem não ser do M. D. L. P., está em todas as discussões estratégicas com o Spínola e está disposto a aparecer como homem de proa, homem importante, quando



# OS MELHORES VEL DO PODER LHO EANES MIGUEL E CASTRO



o M. D. L. P. tiver resolvido a situação. Spínola fala de Marcelo Caetano nos seguintes termos: «é um indivíduo frustrado e está completamente isolado» e não quer entender-se com ele. «Mas o meu amigo Tomás», continua a dizer o Spínola, «está-me a preparar o terreno, no Brasil, e está em contacto constante com o Champalimaud».

Uma citação que apareceu aqui, do Champalimaud, é do seguinte teor: o Spínola é um pateta, um tolo mas, quando der o sinal, eu sigo-o.

«Revolução» — Voltando-nos para a Europa: Como pensa que são as

relações entre o M. D. L. P. e a social-democracia?

G. W. — Tenho que responder concretamente com os factos que possuo. Spínola desmentiu que tenha tido contactos com Soares em Paris.

Spínola considera Mário Soares perigoso: sabe que ele militou no P. C. há muitos anos e considera que ele conserva ideias marxistas e afirma várias vezes: o Soares é meu inimigo.

Na citação do 2.º número da «Stern» sobre o assunto, Spínola teria pedido, através da C. I. A. e do Bundesnachrichtendienst (que é uma

agência de notícias alemã muito ligada ao Strauss e ao C. S. U.), ajuda ao partido social-democrata e partido liberal, para apoio logístico, o que teria sido imediatamente recusado. Por outro lado, Spínola disse-me que tem havido, realmente, organizações europeias que tem tentado contactar com eles (eles M. D. L. P.), mas Spínola considera-as demasiadamente democráticas.

«Revolução» — Quais os pontos que Spínola referiu sobre a rede do M. D. L. P. em Portugal?

G. W. — Os assistentes de Spínola dizem que no Alentejo (em 3 cidades) tem os seus bastiões organizados, através de homens do P. S. pois que, no Alentejo, os verdadeiros anticomunistas são os homens do P. S. («Quando ganharmos, passaremos os P. S. para o C. D. S.»).

Aliás ele referiu um caso, que vocês devem conhecer, que é o caso de Alvalade do Sado, onde P. S.'s passaram, realmente, para o C. D. S.

Spínola referiu-se ainda a outras cidades importantes do Sul, de apoio para o M. D. L. P., referindo com insistência Elvas e Badajoz que é uma ponte muito importante por onde eles fazem sair e entrar todos os seus activistas, quando querem e como querem. Elvas e Badajoz estariam portanto, segundo Spínola, debaixo do controlo do M. D. L. P. Referiu ainda as actividades dos grupos de agrários, em Coruche e Rio Maior, como sendo iniciadas por eles. Há duas cidades onde são particularmente fortes: Estremoz e Portalegre.

Por outro lado, referiu ainda que o dono do Casino de Vila Moura é nosso e está disposto a dar dinheiro e a apoiar-nos nos desembarques de armas que se efectuarem na costa do Algarve.

Spínola diz, ainda, que desde 28 de Setembro de 1975 que «Nós (M. D. L. P.) temos depósitos de armas nas zonas montanhosas entre o Alentejo e o Algarve, de um modo geral e, quase exclusivamente em casas particulares, por ser o sítio mais adequado e mais seguro».

«Revolução» — Que pensa da maneira como está a ser utilizada a sua reportagem pelas várias forças políticas portuguesas?

G. W. — Do estrangeiro é difícil responder. Eu, aqui na Alemanha, tenho a minha posição política clara. Ai, neste momento, solidarizo-me com todas as forças antifascistas que estejam dispostas a dar cabo destes extremistas como Spínola e o seu grupo.

Se estas minhas informações pudessem servir para que a esquerda fizesse uma frente larga, mesmo que nessa frente estivessem reformistas ou mesmo liberais, eu apoiá-los-ia contra fascistas como estes que conheci.

Neste momento histórico, parece-me ser a única posição que possa defender. Para ter uma ideia de porque é que eu vejo assim, posso dizer que o Spínola me disse que, para ele, o Melo Antunes seria um homem ligado ao M. E. S., o que me parece

que o próprio Melo Antunes poria largamente em causa. Referindo-se a partidos considerados de extrema-esquerda, em Portugal Spínola considerou a U. D. P. um partido inimigo, mas considerou partidos como o M. R. P. P. e o P. C. P. (m-l) aliados potenciais.

Portanto, julgo que terei que me abster das críticas que terei a grupos reformistas ou liberais e que teria que apoiá-los, com estas informações; para que a esquerda possa desmantelar uma rede tão perigosa como esta do M. D. L. P.

«Revolução» — A propósito de liberais e reformistas; tem algum dado sobre a sua presença no Conselho da Revolução?

G. W. — Uma pessoa do C. R. entrou em contacto comigo, dizendo que tudo o que eu tinha relatado e inclusivamente sobre os homens do C. R., era realmente verdade e que, o próprio C. R., neste momento, (não se percebe se todos ou só a parte que não estaria implicada), se está a ocupar em grandes discussões sobre este assunto e que, neste momento, o porta-voz disse lamentar que uma estrutura como o COPCON tenha sido destruída pois que, neste momento, eles não possuem o mínimo aparelho de investigação política que lhes possa ajudar a desmantelar, mais rapidamente, a rede, nomeadamente todas as ligações a nível do Poder e dessa rede do M. D. L. P.

«Revolução» — Costa Gomes pode vir a ser o candidato proposto pelos reformistas (P. C.). Voce, que o conhece, o que pensa de Costa Gomes?

G. W. — E um homem impotente. Teve uma atitude tão defensiva que, através da luta que a esquerda fez, ele, como figura política, tornou-se muito insignificante. Nesta situação, será ele, Costa Gomes, uma espécie de antifascista que, como Presidente da República, representa um mal necessário. Ele enveredou politicamente por um caminho de indecisão. Não diz claramente o que é preciso dizer. No entanto repeito-o, pois me parece ser incapaz de pactuar, se o fascismo viesse.

Eu diria que não é ele o homem perigoso; isso será o Spínola e outros e, apesar de tudo, Costa Gomes poderia representar uma espécie de garantia de um antifascismo, em sentido lato.

«Revolução» — Quer acrescentar mais alguma coisa?

G. W. — Tenho em meu poder (poderei mandar detálgos, se quiserem), um relatório dos serviços secretos franceses de observação ao Spínola, e seus ajudantes em França.

Nomeadamente, as informações que ressaltam desse relatório são que, os ajudantes de Spínola tinham constantemente contactos com o embaixador americano em Paris e vários diplomatas americanos e que, várias vezes é referido nesse relatório um número de telefone em Munique. Penso que isto seria, necessariamente, os contactos com o Strauss.

# A GRANDE TAREFA — INSURREIÇÃO ARMADA

Tal como na semana passada, publicamos hoje uma significativa passagem de um livro que o PRP editará brevemente sobre a actual situação política

Quando nós propomos a insurreição como única forma para a tomada do poder pelos trabalhadores, costumam-se levantar clamores pela esquerda revolucionária fora e temos sido chamados de «aventureiristas» e «esquerdistas» mesmo pelos aliados mais próximos. Continuamos à espera de saber qual é a «mesinha» que eles têm para os trabalhadores tomarem o poder sem insurreição... Se a têm, é melhor dizerem já, porque nós, apesar do símbolo do partido e da nossa fama guerreira não gostaremos de mortos e feridos, sobretudo quando são do lado dos trabalhadores e nas nossas fileiras! Ou será que é melhor perguntar-lhes se querem mesmo a tomada do poder pelos trabalhadores?

Podem também pensar que a insurreição não é para já porque a situação se vai aguentar neste impasse durante uns anos. Nós não pensamos isso. E fundamentamos a nossa maneira de pensar.

Em relação às eleições pensamos que são um bom caminho para o fascismo, e que não servem para fazer a revolução. No entanto, somos atacados como exército porque não aparecemos nesta luta de clubes. Mas será exótico grande parte do eleitorado que vai adoptar a abstenção?

E serão revolucionários muitos «que se dizem revolucionários»? Queremos todos a revolução, quando nos aliamos uns com os outros em nome da revolução?

Ou... haverá por aí senhores que andam a deitar contas se se hão-de meter ou não na revolução, conforme esta der ou não garantias de ser ganha?

Tudo isto tem a ver com o atraso das organizações revolucionárias em face da situação objectiva. Tudo isto tem a ver com o facto de não ter havido durante estes dois anos uma direcção revolucionária unitária que tivesse objectivos definidos, um programa, uma táctica. Chegar a acordo numa manifestação, numa greve, num comunicado, não chega. A tomada do poder não se faz pela som de manifestações, greves e comunicados. É preciso querer o mesmo, na mesma altura.

Neste momento, em Portugal, a direcção político-militar unitária, revolucionária, não se pode fazer com um partido só.

Foi com estes problemas que nos debatemos ao longo destes dois anos são estes problemas que tentamos resolver.

## PORQUE É QUE DIZEMOS QUE A SITUAÇÃO NÃO SE AGUENTA NESTE IMPASSE

Baseamos esta nossa conclusão na análise económica da situação. Era possível prever em Abril de 74 que a situação portuguesa não ia estabilizar em democracia burguesa. Mas a maior parte das organizações que se dizem materialistas preferem analisar o que dizem as direcções dos vários partidos, os comentários do vizinho, os seus próprios desejos, do que esta coisa básica e determinante — a situação económica.

A situação da crise económica que deu origem ao 25 de Abril não parou nesta data. Aprofundou-se.

A crise económica portuguesa tem origem no próprio sistema capitalista e portanto não parou quando acabou o fascismo, porque o capitalismo se manteve. Portugal foi um paraíso de mão-de-obra para as indústrias do imperialismo que só se mantem se a sujeição se mantiver. Portugal foi um país cuja indústria nacional se desenvolveu à custa da «mama» das colónias, fonte de matérias-primas barata e compradores certos e coagidos fosse qual fosse a qualidade. Fruto de tudo isto e a inda da emigração, Portugal voltou costas à agricultura e gasta hoje 26 milhões de contos por ano em compras de produtos alimentares.

Aqui está um produto acabado do imperialismo, aqui está uma monstruosidade fabricada pelo sistema capitalista.

A sua crise, para além da crise do capitalismo à escala mundial, durará enquanto aqui durar o sistema.

Não é portanto com cravos nem com liberdades que a crise se remedia. As liberdades permitiram a organização dos trabalhadores e a conquista de muitos direitos. Mas não resolveram a questão da crise económica, nem do poder, nem do programa revolucionário.

E, das duas uma: ou a revolução socialista se faz e, tomado o poder pelos trabalhadores, procuraremos outros caminhos e outras soluções que destruam a estrutura capitalista; ou o capitalismo se afirmará aqui sob a forma fascista. E, se dizemos que se vai afirmar aqui sob a forma fascista não é porque pensemos que Freitas do Amaral é uma hidra mal-cheirosa que não pensa noutra coisa desde pequenino do que rebolar-se de gozo por ter de confessar ao padre que mandou torturar nessa semana trezentos trabalhadores... Ou porque o Spínola sonha consigo próprio de monarca e sobretudo de pele ordenando o fuzilamento de três mil antifascistas. Mas porque o sistema capitalista no sistema actual não tem outra solução senão o fascismo. O desenvolvimento do capitalismo aqui só se pode fazer à custa duma exploração que mantenha os salários ao nível da fome. E para os manter ao nível da fome precisa duma mão de ferro, que esmague os

trabalhadores. O aumento do custo de vida reduzirá as regalias conquistadas a zero; e para conter as vagas de explorados que gritarão contra a miséria, o capitalismo vai necessitar de levar a repressão tão longe quanto necessário.

Não é portanto por a burguesia ter aqui os seus monstros domésticos, os Spínolas, os Freitas do Amaral que fará o fascismo. A burguesia, para exercer o poder, prefere a face simpática dum Olof Palme, ao terror de um Pinochet. Mas sempre que é necessário utiliza um Pinochet.

As condições da situação económica não vão pois permitir uma democracia burguesa. Ou vamos para a revolução socialista ou o fascismo virá. E nada de ter esperanças que a situação de impasse continue! Gastaram-se as divisas; estamos agora a roer as reservas de ouro.

Foi por fazermos esta análise que há um ano e meio colocámos um cartaz que ficou na memória: UMA SÓ SOLUÇÃO, REVOLUÇÃO SOCIALISTA. Nessa altura, um dos sete membros da então Comissão Coordenadora do MFA perguntou-nos delicadamente donde tinha vindo o dinheiro para tal cartaz... Porque claro, ouvira comentar que só provocadores poderiam falar em Revolução Socialista. Quanto ao dinheiro, explicámos, e quanto à Revolução Socialista, veio-se a generalizar de tal modo que falar nela passou a ser moeda corrente.

Há alguns meses que esperamos preocupados, que o mesmo se passe em relação à insurreição armada.

## SE O DILEMA É — REVOLUÇÃO SOCIALISTA OU FASCISMO — O QUE FAZER?

Parece-nos que a resposta é óbvia — a revolução socialista. No entanto, nós observamos que algumas organizações que aceitam a análise feita atrás esquecem-se quando se trata de encontrarem uma táctica. Disseramnos por exemplo, que é importante concorrer às legislativas, porque se se conseguir meter um candidato, sempre fica lá durante quatro anos. Quer dizer que acreditam que isto se aguenta durante quatro anos em democracia burguesa! É o que se chama ficar cego à análise da situação, para não ser obrigado a tirar as respectivas consequências práticas.

Porque as consequências práticas são duras, são difíceis de executar. Há dois anos que a tomada do poder está na ordem do dia, há dois anos que as movimentações operárias chegam (mesmo fisicamente) às portas do poder, há dois anos que a organização autónoma dos trabalhadores cresce como só aconteceu nos momentos mais revolucionários da História, há dois anos que o aparelho de Estado da burguesia se esfrangalhou. Mas para os trabalhadores tomarem o poder é necessário que estejam armados, é necessário que haja um plano e um programa, é necessário que haja uma direcção político-militar. É por isso que as organizações têm recusado. É esse passo que não quiserem nem querem dar. Porque esse passo significa para eles um abismo. Porque entre-

gar armas aos trabalhadores, realmente conquistar o poder para os trabalhadores, realmente, significa perder a liderança das massas significa ficar diluído, entregue à democracia da assembleia de trabalhadores, à direcção soviética. Significa perder privilégios. Significa o destruir da estruturas que, bem ou mal, são as que se dominam e ficar perante o desconhecido, obrigado a conquistar tudo de novo. É por isso que as organizações e os militantes que se dizem revolucionários, dão meia volta, disfarçam e começam a falar nos quatro anos de assembleia legislativa.

Haverá aí quem conheça a forma desta situação económica aguentar um regime de meias-tintas, sem fascismo, durante algum tempo, de modo a que se organize mais e melhor o proletariado? Se há, que diga. Se não vamos mas é encontrar um programa revolucionário para um poder revolucionário. E até já temos uma plataforma de entendimento, aceite por larga unidade — o projecto de trabalho do COPCON.

Haverá aí quem saiba outro processo para uma classe tomar o poder a outra que não seja pela força? Se há, que diga. Se não, vamos organizar-nos para a tomada do poder em termos de força.

Haverá aí quem conheça uma magia que permita a homens desarmados vencer homens armados? Se há, que diga ou que venda a fórmula. Se não, vamos todos falar a sério no armamento dos trabalhadores.

Claro que quando dizemos isto sabemos que os nossos amigos «sensatos» murmuram: «lá estão eles, triunfalistas, aventureiros, esquerdistas!»

E muito sensatamente, vão urdindo a sua teia de palavras, atamancando as contradições, puxando para trás contrariando a revolução.

Final é Spínola que é mais realista. Como sempre acontece a burguesia não perde em devaneios; conhece as suas necessidades, procura satisfazê-las. Spínola e os seus homens sabem que a situação não se estabiliza tal como está. Sabem que são necessárias «condições técnicas» (como ele diz) para o «exercício da democracia» (leia-se fascismo). Sabem que necessitam de instaurar aqui um regime altamente repressivo. Por isso se prepararam para um golpe de direita. Por isso encomendam o número x de armas para o número y de homens. Duma forma precisa, prática, sem rodeios. Olhem se alguma vez o Spínola diz que a burguesia «ainda não está preparada» ou precisa de «amadurecer» para pensar num poder autoritário... Olhem se se consola com a ideia de que o Galvão de Melo esbracejando na assembleia talvez agente as coisas.

## AS TEORIAS E OS MEDOS

Estas posições recuadas das organizações revolucionárias que deviam estar na vanguarda, foram e são um factor importante para o atraso do processo revolucionário.

As organizações maoístas foram-nos enchendo o ouvido com a sua «teo-

# EMPRÉSTIMOS E INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA

## O QUE PROCURA O VI GOVERNO COM OS EMPRÉSTIMOS

O governo social-democrata continua a sua política económica antioperária, procurando refazer as condições de exploração capitalistas. Dificulta o abastecimento do mercado em géneros essenciais para fazer subir o seu preço e diminuir, assim o nível de vida dos trabalhadores. Não lança qualquer plano de controlo da actividade económica para apressar a desagregação do aparelho produtivo e criar, assim, condições para o argumento de que o Estado é mau gestor, desnacionalizar grandes partes das indústrias já nacionalizadas.

Mas, não fica por aqui a actuação do VI Governo. Enquanto a nível interno vai procurando reprimir os trabalhadores, a nível externo vai obtendo dos «seus patrões» a ajuda de que necessita para criar as condições indispensáveis para levar a cabo tal repressão. De facto, a burguesia não se sente ainda com força para alcançar uma ofensiva em todas as frentes contra os trabalhadores. Procura antes, numa acção sistemática de desgastes das forças revolucionárias, ir procedendo a acções localizadas de repressão.

Ao obter do capitalismo internacional os empréstimos que tem apregoado, o VI Governo sabe que atinge dois objectivos. Hipoteca ao capitalismo internacional parcelas crescentes das últimas reservas de ouro do país e abre caminhos às pressões e ingerências políticas com que o capitalismo internacional faz sempre acompa-

nhar a concessão de tais empréstimos.

## O OBJECTIVO É ESGOTAR AS RESERVAS DO PAÍS E AUMENTAR A SUA DEPENDÊNCIA

O objectivo do capital internacional é claro. Enquanto Portugal tiver reservas pode continuar a comprar ao estrangeiro os bens de que necessita para ir mantendo um certo equilíbrio de consumo e produção. Logo que as reservas se esgotem, Portugal ficará praticamente à mercê, dado o elevado nível de dependência da economia portuguesa, no que diz respeito a certos bens essenciais (batatas, cereais, bacalhau, carne, açúcar, petróleo) dos países de quem compra. Nessa altura, todo e qualquer empréstimo de facilidade de pagamento de importações, só serão concedido mercê de elevadas concessões no domínio político.

Os empréstimos que o VI Governo está a obter dos países capitalistas como a Alemanha, os Estados Unidos, a Holanda, Áustria etc. somam já mais de um bilião de dólares (mais de 30 milhões de contos) sem que, em paralelo, seja estabelecido qualquer plano de controlo e dinamização da actividade económica.

São estes dólares que têm servido ao VI Governo para comprar os bens de consumo que o Ministério do Co-

mércio Interno (ministro Magalhães Mota-PPD) vai alcançando parcimoniosamente no mercado, à medida que este ameaça ficar bloqueado. É assim que o VI Governo vai apertando um certo equilíbrio a nível de consumo, de modo a poder ter campo de manobra para proceder a ataques selectivos procurando enfraquecer as organizações dos trabalhadores.

O VI Governo sabe que dentro de alguns meses o país terá de começar a pagar os empréstimos que agora obtém, acrescidos dos juros que a burguesia financeira internacional o obriga a pagar. Nessa altura o capitalismo internacional aparecerá a impôr condições ou a exigir o reembolso integral dos empréstimos que concede. Procura, assim, fazer desaparecer todas as reservas do país e aumentar a dependência deste em relação a novos empréstimos e a novas pressões.

Se os empréstimos se destinassem a apoiar a Reforma Agrária (permitindo a compra de tractores ou máquinas agrícolas) ou às Comissões de Trabalhadores (estabilizando fábricas em situação financeira difícil) o capitalismo internacional não estaria disposto a concedê-los. Concedem-os sabendo que os montantes emprestados acabam por lhes serem devolvidos sempre que Portugal lhes compra os bens de consumo ou quaisquer outros problemas de que necessita.

A intenção de exercer pressões políticas através dos empréstimos con-

cedidos nem sequer é escondida pelos próprios países que concedem os empréstimos. Foi assim que empréstimos recusados ou suspensos, nos VI e V Governos foram concedidos ao VI a partir de 25 de Novembro.

## EMPRÉSTIMOS, ARMA CONTRA A INDEPENDÊNCIA

Os empréstimos surgem, assim, como uma arma apontada contra a independência económica, e financeira do nosso país. Ao estreitar laços com a burguesia financeira internacional que já apoiou a guerra colonial mantida pelo fascismo, a social-democracia levanta a máscara, mostrando claramente que procura refazer novas e mais violentas formas de exploração dos trabalhadores.

Ao ser obrigada a utilizar os montantes de tais empréstimos na compra de produtos que são consumidos, a social-democracia mostra que não é com eles que consegue revitalizar a economia dinamizando a abertura de novos postos de trabalho através do investimento.

É contra todas estas manobras dos sociais-democratas (e o PS está a ser o principal inspirador e agente dos empréstimos que o sr. Salgado Zenha e Campinos têm mendigado desde os Estados Unidos até à Alemanha Federal) que os trabalhadores têm de ser organizar e lutar.

Continuação da pag. 10

ria». Pobre teoria pois que tal chamam ao papaguear dos textos clássicos à análise idealista dos partidos comunistas tradicionais, à repetição dos «clichés» pré-estabelecidos (como o próprio Mao Tsé Tung tão bem criticava... nos seus tempos de revolucionário). Os trotskistas, esses, limitam-se a ir cantando a história e sabem de cor as doenças que Lenine e o Trotsky tiveram em pequenos e quantas vezes é que o Staline bateu na mulher... Mas acontece que nem uns nem outros teorizam, isto é fazerem teoria a partir da **nossa realidade** e da **nossa prática**. Há congressos internos de organizações maoístas que se passam sem que a realidade portuguesa seja examinada.

E sempre que o poder estremeceu, sempre que os trabalhadores vieram para a rua, em termos de «ou vai ou racha!» houve sempre organizações maoístas que encarregaram de puxar para trás, em nome do «amadureci-

mento», em nome das «massas» ainda não estarem preparadas», em nome da necessidade do «verdadeiro partido». Contaram-nos que mesmo no final de Setembro, em pleno Palácio Foz alguns dirigentes maoístas estiveram para serem atirados pela janela, quando, perante a multidão de trabalhadores que vieram para a rua disposta a tudo em protesto pela ocupação das rádios e que dali queria avançar para S. Bento e Belém, meteram tróvoas a fundo e apelaram para o «bom senso dos oficiais» presentes, implorando-lhes que não avançassem para a tomada do poder... Momentos inesquecíveis esses, para quem agora vê o fascismo a avançar e para quem sabe que tudo mil vezes mais difícil do que nesse momento! Para eles a única coisa que conta é que se andou mais seis meses para a «construção do partido», mesmo que pelo meio tenha acontecido o 25 de Novembro.

Mas outros há que compreendem que análise desemboca na insurreição mas que tudo o que os preocupa é encontrar argumentos — para provar

que a derrota é certa. A falta de esclarecimento das populações do Norte, o avanço do fascismo, a afluência do reformismo em muitos meios operários a debilidade das organizações revolucionárias, a debilidade do Poder Popular, as dificuldades do PRP, tudo isso são argumentos daqueles que querem encontrar razões paranoicas para a revolução. E será que nós não aceitamos essas verdades? Claro que aceitamos. E será que não sabemos que a insurreição armada tem mais probabilidades de ser derrotada? Claro que sabemos.

Mas se a insurreição tiver algumas probabilidades de sair vitoriosa então não há mais do que arriscar. Porque a outra alternativa é o fascismo.

Se o proletariado e os revolucionários vão ser esmagados pelo fascismo, então que escolham o único caminho por onde possam não sê-lo, onde podem ter a possibilidade de ser eles a vencer. Não há mais nenhuma saída, escusam os medrosos de tentar correr

para trás na História.

Organizar a insurreição não é ter a certeza de a ganhar, é ter a necessidade de a fazer. Para ganhar ou para perder. Isto de se fazer a revolução é um negócio que nunca dá garantias.

Mas para aqueles que sabem que o confronto é inevitável, o caminho é a organização para a tomada do poder. A organização dos trabalhadores numa base unitária e apartidária a organização da classe operária nas suas empresas a organização dos trabalhadores do campo, a organização dos soldados, dos marinheiros e dos oficiais revolucionários. Da organização (hoje clandestina) dos quartéis e da organização nos locais de trabalho e habitação, nascerão hoje de novo as forças que se vão de conjugar para, confrontando-se violentamente com a burguesia, darem expressão ao próprio sentimento das massas (veja-se os confrontos com o PPD e o CDS durante as eleições) barrarem o caminho ao fascismo e instaurarem um poder dos trabalhadores, acabando com o sistema capitalista no nosso país.

## internacional

## IRLANDA DO NORTE



As classes operárias portuguesa e irlandesa tem muitos pontos de contacto. Ambas são exploradas pelo capital monopolista internacional — Plessey, por exemplo que possui fábricas em Portugal e também as possui na Irlanda. Através da elevada percentagem de emigrantes, ambos os países fornecem força de trabalho aos países europeus mais industrializados. Durante os últimos dois anos Portugal e a Irlanda tem resistido à imposição de uma «solução» social-democrata para os seus problemas internos, tomando-se as «ligações fracas» na cadeia capitalista da Europa.

O Estado da Irlanda do Norte (Ulster), ou «os seis condados», como os nacionalistas e republicanos lhe chamam, assenta na discriminação e repressão contra a população católica iniciada há 54 anos. O sector dominante da população, conhecido como Unionista (partidário da união com a Inglaterra), ou lealista (leal ao rei), que é constituído pelos protestantes, mantém o seu domínio por meio de um aparelho repressivo que até os dirigentes da África do Sul tem motivos para invejar. Os tribunais, as leis, as forças policiais são controlados pelos unionistas e utilizados para a defesa dos seus interesses. «Internamento» — que significa um regime de prisão sem culpa formada tem sido usado contra os nacionalistas e republicanos desde a criação do Estado.

Durante todo este tempo, a classe dirigente inglesa tem ajudado tal estado a manter-se, através da assistência económica e do apoio político e militar.

A «lixeira política inglesa», como se lhe tem chamado, permaneceu muito tempo escondida dos olhos do mundo. Os acontecimentos ocorridos a partir de 5 de Outubro de 1968, quando uma manifestação em favor direitos civis, em Derry, foi brutalmente reprimida pela Polícia, tem-na trazido à luz do dia. Mas ainda hoje, quando já morreram mais de 1300 pessoas, e a lista aumenta todos os fins-de-semana com as mortes de elementos de um dos sectores da população causadas por elementos do outro, a imprensa mundial, que se serve de canais de Informação que são controlados pela Inglaterra, recebe pouquíssima informação de confiança sobre a Irlanda do Norte e publica ainda menos.

Neste número do «Revolução» publicaremos apenas uma cronologia dos acontecimentos mais importantes dos últimos anos na Irlanda do Norte

# A SOCIAL-DEMOCRACIA INGLESA REPRIME E MATA NA IRLANDA



Mulheres do IRA (Exército Revolucionário Irlandês) revistando um suspeito de infiltração

e o texto da «Lei dos Poderes Especiais», um exemplo típico de poderes a que o Estado recorre para esmagar a oposição ao regime. Em números futuros, «Revolução» analisará os mecanismos que permitem a dominação de um sector da população pelo outro, o papel do imperialismo inglês e o modo como os conflitos religiosos e o problema do nacionalismo se articulam com o problema geral da luta de classes na Irlanda.

A convite do Socialist Workers Movement (Movimento dos Trabalhadores Socialistas) um trabalhador português, militante do PRP visitou, no mes passado, a Irlanda. O objectivo central da visita era incrementar o conhecimento mútuo das situações em Portugal e na Irlanda e contribuir para o estreitamento dos laços de solidariedade entre os trabalhadores dos dois países.

O nosso militante realizou diversos comícios e sessões de esclarecimento nas cidades de Belfast e Derry (Irlanda do Norte) e em Galway, Limerick, Waterford e Dublin (Irlanda do Sul).

O interesse pelo nosso país revelou-se amplamente através de animados debates, que deram ao nosso camarada oportunidade para proveitosa troca de impressões com trabalhadores irlandeses, sobretudo com operários das multinacionais e da indústria vidreira.

Durante a visita, e para além da organização que fizera o convite, o Socialist Workers Movement, o PRF teve contactos com outras organizações da esquerda irlandesa: Provisional IRA (Exército Republicano Irlandês Provisório); Peoples Democracy (Democracia Popular); Irish Republican Socialist Party (Partido Socialista Republicano Irlandês) e Irish Committee for a Socialist Programme (Comité Irlandês para um Programa Socialista).

## LEI DOS PODERES ESPECIAIS

De acordo com esta lei, o exército e a Polícia são autorizadas a:

- 1) Prender sem mandato de captura;
- 2) Prender sem culpa formada ou julgamento, negar o recurso ao «habeas corpus» ou a um tribunal;
- 3) Entrar e passar busca às casas sem mandato de busca, à força, a qualquer hora do dia ou da noite;
- 4) Declarar o recolher obrigatório e proibir comícios, assembleias a manifestações;
- 5) Permitir o flagelamento como castigo;
- 6) Recusar o direito de julgamento por júri;
- 7) Prender pessoas que se deseja examinar como testemunhas, dete-las à força, e obrigá-las a responder a perguntas, sob ameaça, mesmo que as respostas as possam incriminar. Essa pessoa é culpada de ofensa à autoridade se se recusa a prestar juramento ao responder a alguma pergunta;
- 8) Praticar qualquer acto que envolva interferência com os direitos da propriedade privada;
- 9) Impedir o acesso de parentes ou conselheiros legais junto de pessoas sob prisão sem julgamento;
- 10) Proibir o levantar de um inquérito depois de morte de um prisioneiro;
- 11) Prender uma pessoa que por «via oral» espalhe histórias falsas ou faça afirmações falsas;
- 12) Proibir a circulação de qualquer jornal;
- 13) Proibir a posse de qualquer filme ou disco;
- 14) Prender uma pessoa que faça qualquer coisa avaliada como sendo prejudicial à preservação da paz ou da conservação da ordem na Irlanda do Norte e não especificamente prevista nos regulamentos.

## A IRLANDA HOJE: CRONOLOGIA

1966 — Formação da U.V.F. — Força Voluntária do Ulster — uma organização para-militar orangista (a Ordem de Orange é uma sociedade secreta dedicada a manter a união com a Inglaterra e a supremacia do protestantismo sobre os católicos).

1968 — Começo do Movimento dos Direitos Cívicos.

1969 — Agosto — Ataques por grupos orangistas aos bairros católicos de Belfast. 9 mortos e 500 casas destruídas pelo fogo (a maior parte católicas). Chegada das tropas inglesas.

Dezembro — O Comité Central do I.R.A. (Exército Republicano Irlandês) divide-se quanto à questão do uso das armas.

1970 — Janeiro — Formação do I.R.A. Provisório.

1971 — 6 Fevereiro — Morte do 1.º soldado britânico na Rua New Lodge, em Belfast.

7 Julho — Dois homens desarmados são mortos a tiro por soldados em Derry. Seguem-se distúrbios em massa.

9 Agosto — É instituído o regime de «internamento» — prisão sem necessidade de julgamento. Centenas de pessoas são levadas para interrogatórios pelo Exército britânico.

1972 — 30 Janeiro — «Domingo Sangrento» — o Exército abriu fogo

sobre uma multidão de 20 000 manifestantes pacíficos e desarmados em Derry. Morreram 14 pessoas e 10 ficaram feridas.

24 Março — Suspensão do Parlamento da Irlanda do Norte (Strotmont). Governo directo pelo Parlamento inglês de Londres.

26 Julho — Começa o cessar-fogo entre o Exército britânico e o I.R.A.

9 Julho — Famílias católicas em Lenadon (um bairro em Belfast) são maltratadas pelas tropas britânicas. Acaba o cessar-fogo do IRA.

21 Julho — «Sexta-feira sangrenta». Morrem 9 pessoas em Belfast devido à explosão de bombas sem aviso prévio.

30 Julho — «Operação motorista» — as áreas nacionalistas são tomadas pelo exército britânico. Estabelecem-se postos do exército em escolas e parques de recreio.

O número de tropas britânicas no norte da Irlanda cifra-se em 20 000.

1973 — Janeiro — A primeira mulher — Liz Mc Kee — com 19 anos, é presa sem culpa formada.

6 Dezembro — conversações tripartidas abrangendo toda a Irlanda começam em Sunningdale.

1974 — Fevereiro — Eleito o Governo Trabalhista na Grã-Bretanha. Merilyn Rees é secretária de Estado para a Irlanda do Norte.

14 Maio — UWC — Concelho de Trabalhadores do Ulster — uma organização dominada por trabalhadores leais ao Rei — entra em greve geral. São contra a partilha do poder com os nacionalistas. O número de tropas na Irlanda do Norte é de 17 000.

29 Maio — Brian Faulkner (primeiro-ministro) demite-se. Fim das conversações de Sunningdale e fim da partilha do poder entre partidários do rei e nacionalistas.

30 Maio — Fim da greve do Concelho dos Trabalhadores do Ulster. Os partidários do rei conseguem o que queriam.

Julho — O Governo britânico apresenta um documento que propõe uma Assembleia Constituinte.

Outubro — Long Kesh (prisão de «internamento») é destruída completamente pelo fogo posto pelos prisioneiros republicanos como protesto contra a sua prisão.

22 Dezembro — Começo do cessar-fogo entre o IRA Provisório e o Exército Britânico.

1975 — Maio — Eleições para a Assembleia. A coligação do Sindicato Unido do Ulster (organização protestante e direitista) obtém a maioria em toda a parte.

Agosto — Uma nova lei é passada na Grã-Bretanha — permite detenção

e interrogatório sem julgamento de qualquer pessoa irlandesa suspeita de ser membro de uma organização que tenha como objectivo, a unificação da Irlanda.

Novembro — A Assembleia apresentou um relatório que, com efeito, recomendava um retorno à lei protestante de antes de 1972, sem partilha de poder garantida para a minoria católica.

Dezembro — Fim da lei do «internamento» (prisão sem julgamento). Mas 37 presos ficam na prisão de «internamento» de Long Kesh, sentenciados a penas que vão de 1 mes a 4 anos e meio, por tentativa de fuga. Ainda existem cerca de 1000 homens e 100 mulheres presos no Norte, a que se juntam cerca de 100 na Inglaterra e 100 no Sul da Irlanda: Um total de, aproximadamente, 1300 prisioneiros republicanos condenados.

1976 — 4 Janeiro — Assassinio de 5 católicos no sul de Armagh.

5 Janeiro — Assassinio de 8 protestantes no Sul de Armagh.

7 Janeiro — Chegam mais tropas britânicas — incluindo os serviços aéreos especiais (SAS), uma força especial utilizada na luta anti-subversiva. O número de tropas neste momento no Norte eleva-se a mais de 15 000. Número total de pessoas mortas este ano — 20 pessoas.

## ARGENTINA

# “Está na hora de iniciar a resistência massiva ao golpe”

Os oficiais do exército contra-revolucionário decidiram tomar directamente o poder, através de um golpe repressivo que levará o país à guerra civil aberta.

Ante a crise cada vez mais aguda do capitalismo dependente e o desenvolvimento das forças revolucionárias capazes de pô-lo seriamente em perigo, os oficiais unem-se, conscientes de que são os únicos que podem reforçar a dominação imperialista e deter a ampliação do movimento revolucionário.

Este golpe está enquadrado na estratégia do imperialismo e é parte dum plano continental contra a insurreição, defendido pelos chefes mais reaccionários na última Conferência de Exércitos americanos. Nessa ocasião, Jorge Rafael Videla, «comandante-em-chefe» do exército e homem forte da Junta Militar disse: «terão de morrer todos os que seja preciso para que a paz volte à Argentina».

Conselhos de Guerra, pena de morte, suspensão de todas as organizações políticas e sindicais, militarização dos trabalhadores, são as primeiras medidas; ordem e autoridade, as únicas palavras de ordem da nova ditadura.

Estes militares, purificados no Jordão do sangue, e veteranos do sistema Interamericano de segurança comandado pelo Pentágono, não anunciam medidas sociais nem económicas, mas somente mais repressão, ante os colossais problemas de um povo oprimido. São 1 milhão de desempregados e 1 milhão de sub-empregados (numa força de trabalho de 10 milhões), um ordenado mínimo que hoje equivale a 15 dólares e uma inflação diária de 1 por cento.

A 4 de Fevereiro denunciámos que,

provavelmente, os militares esperariam até Março para dar o golpe e que, até então, era possível desencorajar a sua aventura com importantes lutas populares armadas e não armadas. Para favorecer uma abertura democrática, fizemos uma proposta de trégua em Outubro de 74 e reiterámos-la em Julho de 1975. Os militares preferiram o golpe ao armistício, o aumento da repressão à democratização e propõem-se descarregar todo o seu peso sobre os trabalhadores, na esperança de obter créditos e apoio do imperialismo para reactivar uma economia em plena recessão.

No entanto, para voltar a orientar a economia argentina e reiniciar o desenvolvimento das forças produtivas imediatamente, há um só caminho: o socialismo. Mas tal solução só pode ser o resultado de uma revolução profunda e de um governo operário e popular. Todos os planos capitalistas que os militares podem aplicar baseiam-se, pelo contrário, na super-exploração das massas e em entregar a nossa economia ao grande capital e à voracidade imperialista. Estes planos são irrealizáveis porque o povo argentino dirá não à exploração; não

à opressão, não à entrega e multiplicará a sua resistência armada e não armada, legal e ilegal, pacífica e violenta.

Então, porque é que os militares dão este passo? Porque não contam com a iniciativa, porque agem sob a enorme pressão da luta popular, porque todos os caminhos — golpe ou abertura democrática — são, em diferente grau e carácter favoráveis às forças revolucionárias. O comando inimigo, ao dar o golpe, escolheu entre dois males o que considera menor.

Hoje o nosso povo sabe que o exército opressor pode ser enfrentado e derrotado, compreende que a libertação dos trabalhadores e da pátria só pode ser obra dos próprios trabalhadores e suas organizações revolucionárias.

Há mais de um ano, o exército opressor lançou, em Tucuman uma operação antiguerrilha, destinada a aniquilar a Companhia do Monte do ERP. Agora acaba de abrir-se, em Tucuman, a segunda frente com a entrada em operações de outra unidade rural do ERP. Longe de estar aniquilados, como pretende o inimigo, as forças armadas revolucionárias deram um novo passo no seu desenvolvimento, fruto do sacrifício e combatividade do povo argentino.

Na hora actual, põe-se-nos, de forma aguda, o problema da unidade das forças revolucionárias e a união de todo o povo. Está na hora de iniciar a resistência massiva ao golpe, que será gradual e prolongada, estendendo-se do pequeno ao grande, num processo que durará anos, e no qual a

guerra revolucionária tomará um carácter de guerra popular de massas. Todo o povo participará na luta, desde o cidadão comum que pinte num muro «abaixo a ditadura», passando pela autodefesa das massas, até às grandes acções das organizações revolucionárias e às insurreições populares.

O governo antipopular pró-imperialista de Isabel Perón estava completamente desprestigiado em todo o mundo e, se até ao último momento conseguiu evitar o isolamento que mereciam os seus crimes e o atropelo das liberdades democráticas, foi pela fachada institucional, que teve cuidado em conservar.

Comprovada a justiça da causa revolucionária pela qual combate o nosso povo, expandir-se-á a solidariedade internacional, com a resistência operária e popular e as forças revolucionárias que lhe dão impulso, o factor de grande importância para a nossa luta de libertação nacional e social, a mesma que travam os nossos irmãos do Chile, Uruguai, Bolívia e no resto da América Latina.

Solidariedade com a resistência operária e popular na Argentina.

Repúdio e isolamento da ditadura militar!

Não à pena de morte contra o povo!

Ações internacionais para garantir a vida de 5000 presos políticos!

Pela Revolução operária, latino-americana e socialista!

Paris, 25 de Março de 1976

Exército Revolucionário Popular  
(E. R. P.)

## internacional/angola



Às FAPLA em Kifangondo no dia 7 de Novembro de 1975, ainda antes da independência

**Concluimos hoje a publicação deste importante texto de Lopo do Nascimento, primeiro-ministro da República Popular de Angola.**

**Ao longo das linhas que se seguem são focados importantes problemas que se colocam no decorrer de qualquer processo revolucionário. São eles a participação dos quadros na revolução e a disciplina revolucionária.**

4. Fala-se muito do problema da fuga de quadros profissionais, tão necessários à reconstrução do nosso país. Para analisarmos esta questão temos que determinar quais as suas causas e quais os meios de a solucionar.

Muitos quadros fogem por se sentirem inseguros. Mas não basta que nos fiquemos por esta observação. Com efeito, parece-me que essa insegurança é fundamentalmente devida à falta de enquadramento político desses quadros, alguns dos quais são, até, angolanos.

Ora apesar de há muito o nosso Movimento ter chegado à conclusão de que a nossa luta exige o recrutamento de muitos intelectuais, que deverão pôr os seus conhecimentos e experiências ao serviço das massas populares, e apesar de, também, estarmos a fazer um esforço para integrar um grande número de quadros, a verdade é que esse esforço foi insuficiente. E foi insuficiente porque aqui se reflectiram muitos dos nossos problemas de organização.

Nós temos exemplos de quadros que, pelo engajamento da luta ao lado das massas trabalhadoras, se integraram perfeitamente no nosso combate e, após vacilações, resolveram ficar em Angola. Por isso estamos convencidos de que, através de formas organizativas correctas, poderíamos ter evitado a fuga de muitos quadros.

Não queríamos deixar de falar na atitude errada de muitos camaradas que, até através da provocação, têm levado muitos intelectuais, alguns dos quais progressistas, a abandonar os seus lugares nas empresas e nos serviços. Essa atitude dos camaradas não é senão um reflexo de um problema de que já lhes falei atrás. Com efeito, esses camaradas errados deixaram-se corromper pelas ideias burguesas e, incapazes de analisar as condições em que se desenvolve a nossa luta, puseram os seus interesses oportunistas à frente dos justos anseios do nosso povo e pretendem afastar todos

aqueles que possam ser um obstáculo à sua rápida ascensão profissional. Assim, utilizando muitas vezes como arma o racismo e o esquerdismo pequeno-burgues, esses camaradas querem afastar da nossa luta todos aqueles que, pela sua competência e pela sua honestidade, ocupam lugares cobijados pelos oportunistas. Deste modo, nós constatamos mais uma vez que há muitos camaradas que, querendo utilizar em seu benefício as conquistas dos operários e camponeses do nosso país, esquecem que a luta anti-imperialista exige o alargamento constante da nossa frente, exige a adesão a essa luta de camadas sociais cada vez mais amplas. Não é por acaso, superficialmente, que nós afirmamos isto. Nós sabemos, e esses camaradas esquecem, que a todo o momento é posta à prova a nossa capacidade em engajar na luta anti-imperialista todas as forças e camadas sociais estruturalmente interessadas no combate à exploração. Esta capacidade é condição da nossa vitória e deve ser acompanhada por um trabalhador profundo no sentido de elevar o nível de consciência das massas populares a fim de que essa unidade não se tome uma unidade sem princípios. Na verdade, para não termos em causa os objectivos da nossa luta, devemos exigir aos nossos camaradas o rigor ideológico que lhes permita analisar cientificamente a cada momento o conteúdo das reivindicações populares e a traduzi-las no processo de transformação social.

E se nós sabemos que cada militante do MPLA deve ser um agitador das ideias correctas, da linha política do nosso Movimento, nós devemos definir claramente como será orientado o trabalho junto dos quadros, dos intelectuais.

Deste modo, devemos começar por criticar aqueles camaradas que se intimidam quando discutem uma questão de trabalho com um doutor, com um quadro, e partem do princípio de que porque esse doutor teve acesso a uma

melhor instrução, ele sabe mais que o Povo, ele é que está certo. Na verdade, camaradas, todos nós sabemos que a grande escola de quadros não é a universidade burguesa. A escola do revolucionário é a luta sindical, a luta política, a guerra de libertação.

É na justa luta dos operários e camponeses contra a exploração, na sua prática, que nós vamos beber a força ideológica que nos permite ultrapassar o conhecimento lívresco, transformando-o no raciocínio científico, materialista, capaz de analisar e transformar a sociedade. Por isso nós dizemos que os quadros de Angola libertada surgirão de entre as massas populares, armados da experiência com que a participação consequente na nossa luta os temperou.

Também por isso nós sabemos que os intelectuais devem ser guiados pelas massas populares a fim de, passo a passo, vencerem as hesitações e insuficiências que a sua origem de classe determina.

Assim, nós devemos recrutar os intelectuais, pô-los ao serviço do nosso povo, desde que se mostrem honestos e trabalhadores e estejam dispostos a suportar os sacrifícios que as condições de luta impõem. Nós estamos aptos a guiar esses intelectuais, a fazê-los ganhar uma consciência revolucionária, a estabelecer com eles relações correctas.

As massas trabalhadoras deverão, no entanto, exercer a vigilância popular sobre os recém-chegados ao nosso Movimento, de modo a impedir as infiltrações. Mas devemos evitar ser rudes ou divisionistas e demonstrar que a flexibilidade política é uma das virtudes do bom revolucionário. Também os camaradas que se revelarem elitistas e tiverem uma prática pequeno-burguesa, deverão ser severamente criticados e modificar efectivamente o seu comportamento. E se persistirem no seu oportunismo deverão ser reeducados pelas massas populares na produção directa.

É ainda muito importante encorajar os nossos militantes de origem operária e camponesa a estudar com afinco, a elevar o seu nível cultural e assim melhor servirem a nossa luta. Deste modo, devemos fazer com que os operários e camponeses sejam intelectuais e os intelectuais se identifiquem com as massas operárias e camponesas.

Assim, estaremos aptos a levar em frente a nossa luta de resistência e a grande tarefa da reconstrução nacional.

#### CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA

5. Para muitos camaradas a pala-

## Lopo do Nascimento

# OS QUADROS

va disciplina é uma palavra oca, sem conteúdo revolucionário.

Todos conhecemos bem os graves problemas que esta incapacidade de análise da nossa linha política tem causado ao nosso Movimento. O facto de alguns camaradas não cumprirem as tarefas de que os tinham encarregado traduziu-se algumas vezes em derrotas para o nosso povo. A indisciplina daqueles que, através da rádio ou de jornais, se têm afastado da linha definida pela Direcção gera a confusão no seio do Povo e cria o terreno fácil às manobras do inimigo, através do abrandamento da vigilância e do fracção.

Ora, à medida que a nossa luta foi avançando e passando a fases superiores, os militantes que nela ganharam uma consciência revolucionária compreenderam que a organização é a principal arma do Povo na sua luta contra a exploração. Na verdade, camaradas, é a organização do Povo em formas correctas, que torna as massas populares uma força invencível, em que a unidade ideológica é cimentada na unidade material. Todos nós sabemos que essa força organizada e coesa, guiada pelos princípios revolucionários, não poderá ser travada pelos exércitos imperialistas. Mas para que o nosso povo possa resistir à agressão imperialista é necessário que ela seja de facto uma força organizada e coesa.

Deste modo a indisciplina dos militantes é mais uma arma nas mãos dos nossos inimigos, que corrói a nossa organização e impossibilita a execução rápida e correcta das nossas palavras de ordem. A indisciplina põe em causa os objectivos da nossa luta, põe em causa a vitória das massas exploradas do nosso país. A experiência tem-nos provado que, em qualquer fase da luta anti-imperialista, os desvios à disciplina revolucionária se vêm a traduzir na diminuição da vigilância, na infiltração de ideias e comportamentos errados no nosso seio, no aparecimento de deserções. São esses factores que podem tomar o nosso movimento vulnerável e criar um clima propício à derrota.

Assim, porque sabemos que a indisciplina desmobiliza as massas populares e transforma o nosso movimento numa organização anárquica e pouco combativa, nós dizemos que a disciplina é a sentinela que protege a linha política, a organização e as estruturas. A disciplina é uma necessidade da Revolução e condição da sua vitória.

Todo o militante deve, por isso,

(conclusão)

# NA REVOLUÇÃO



O bom armamento das FAPLA foi essencial para a arrancada final

Continuação da pag. 14

realizar um combate sem tréguas contra a falta de respeito ou a ignorância das hierarquias, enfim, contra todas as tendências burguesas, decadentes e corruptas no seio do nosso movimento. Na verdade, camaradas, não podemos esquecer que a vigilância revolucionária começa nas nossas próprias fileiras.

Através do debate ideológico aceso, da luta contra o liberalismo e a indisciplina, nós devemos combater as ideias incorrectas e resolver as condições que ponham em causa os interesses da luta anti-imperialista.

Devemos ter sempre presente, que disciplina revolucionária não é o mesmo que passividade, não é a obediência cega. A disciplina revolucionária exige o conhecimento e a adesão incondicional e activa dos militantes aos princípios que orientam a nossa luta.

Para ser disciplinado, o militante tem que assumir na prática o princípio de que todo o homem se valoriza na exacta medida em que souber dedicar

as suas forças ao progresso das massas exploradas e da Revolução.

Para ser disciplinado o militante tem que ser responsável e compreender, portanto, que qualquer tarefa que lhe é confiada deve ser cumprida porque corresponde aos legítimos interesses das massas exploradas e da nossa luta. Deste modo, todas as tarefas são importantes, não há tarefas superiores ou inferiores na Revolução.

É tão importante para a nossa luta que os camaradas da FAPLA estejam nos seus postos na frente militar, como que os camaradas do DIP disbriguem a propaganda que dá a conhecer os nossos objectivos às massas populares, ou que os operários nas fábricas os camponeses nos campos garantam a produção dos bens essenciais à alimentação do nosso povo.

Mas para que as nossas palavras de ordem correspondam de facto aos anseios mais justos das massas populares é necessário que todas as nossas decisões, em qualquer escalão hierárquico, sejam a resultante de uma discussão profunda. Deste modo, as palavras de ordem devem ser ela-

boradas pela Direcção após a análise dos anseios mais legítimos das massas populares e devem ser levadas às massas para que elas as apoiem firmemente. As resultantes dessa interacção Direcção — massas são exactamente, as ideias correctas.

Assim também devemos sempre levar em conta o grau real de consciência política dos camaradas que vão aplicar essas palavras de ordem. A execução de uma decisão exige a realização prévia de uma campanha de esclarecimento e mobilização política, como é exemplo o esforço que neste momento estamos a realizar para explicar às massas exploradas do nosso país o conteúdo da palavra de ordem «Resistência Popular Generalizada».

As tarefas cumpridas deverão ainda ser analisadas pelos camaradas para que possam, assim, sintetizar a experiência ganha na prática e elevar a consciência e a teoria revolucionária.

É através destes métodos de trabalho correctos que iremos combater ao mesmo tempo a indisciplina e o autoritarismo burocrático.

Também esta é uma tendência errada que é reflexo da inexistência de uma prática democrática na sociedade colonial.

Os nossos estatutos consagram o princípio do centralismo democrático. Ora centralismo democrático não deve ser confundido com burocracia e organização rígida e estereotipada. Ele exige o estabelecimento das relações correctas entre a Direcção e as bases que atrás referi. Por isso nós dizemos que todos os camaradas devem participar na elaboração da nossa linha política e assim criar condições para o exercício de uma ampla democracia e liberdade dentro dos limites da disciplina revolucionária.

Esta é uma das razões por que estamos aqui neste momento a debater os problemas mais importantes da actual fase de luta.

Para que a nossa reunião seja produtiva é necessário que os camaradas revelem espírito de iniciativa e participem activamente nesta discussão.

Só deste modo nós poderemos estabelecer relações correctas entre os vários escalões da nossa organização e, assim, combater o oportunismo, o fraccionismo, a indisciplina e o espírito burocrático.

Não é pois, camaradas, através de panfletos anónimos, através do oportunismo autonomista, que vamos alcançar os nossos objectivos. Não é também através de palavras de ordem impostas autoritariamente que vamos conseguir a adesão e mobilização das largas massas exploradas do nosso país à linha política definida pelo nosso movimento. É através do debate ideológico activo, e em todos os escalões da nossa organização que vamos conseguir a unidade indispensável à vitória da nossa luta, que vamos combater o fraccionismo e todas as manobras orquestradas pelo inimigo para nos confundir. Porque se trata de uma questão fundamental para

própria existência do nosso movimento nós lembramos mais uma vez aos camaradas que não iremos pactuar com as ideias erradas e teremos a coragem de punir com justiça e severidade todos os que se afastem da nossa justa linha revolucionária.

6. Gostaria ainda de falar aos camaradas de um outro problema de organização e que é uma consequência do liberalismo e da indisciplina.

Trata-se da questão da distribuição de tarefas dentro do Movimento.

Nós temos vindo a verificar que alguns camaradas, incapazes de cumprir as tarefas que lhes são dadas pelo Movimento e de compreender a importância dessas tarefas se dispersam por mil e uma actividades secundárias e não realizam portanto aquelas tarefas de que foram encarregados.

Estamos assim perante mais uma actuação errada. Esses camaradas não trabalham seriamente, não obedecem a um plano e orientação determinada. Esses camaradas põem os seus interesses individuais acima dos interesses do nosso povo e, assim, minam a nossa luta com o seu liberalismo. Como não cumprem as suas tarefas ou cumprem-nas imperfeitamente, põem em causa a aplicação da nossa linha política e fazem, objectivamente o jogo do inimigo.

Assim, nós defrontámos recentemente o problema das relações entre os sindicatos, a central do Movimento — a UNTA e a Secretaria de Estado do Trabalho do MPLA, como órgão do aparelho de Estado. Na nossa opinião a questão importante a resolver aí era a da perfeita definição das tarefas que cabem a cada um desses órgãos, de acordo com as suas características, o cumprimento pelos camaradas das tarefas de que em consequência foram encarregados e, ainda, do estabelecimento de relações de cooperação e de camaradagem entre eles.

Este é um exemplo mas poderíamos infelizmente apontar mais alguns.

Os camaradas devem pois definir quais as tarefas que, na actual fase de luta, cabem a cada órgão do nosso Movimento; devem analisar as questões que a execução dessas tarefas levanta e cumpri-las com entusiasmo e honestidade.

Em conclusão, camaradas, devemos dar maior atenção às questões de organização e devemos reforçar-nos ideologicamente pela estreita ligação às massas e pelo estudo constante.

Consciencializados e unidos pela justa linha correcta nós, o MPLA, seremos a força decisiva que transforma a sociedade e aniquila o inimigo.

VIVA A RESISTÊNCIA POPULAR GENERALIZADA  
VIVA O PODER POPULAR  
A LUTA CONTINUA  
A VITÓRIA É CERTA

Obrigado Camaradas

# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

## EDITORIAL

Nesta última semana de período eleitoral, pode fazer-se um balanço de que resultam duas verdades: por um lado, o desinteresse dos trabalhadores pela campanha; por outro lado o clima de «pancadaria» em que decorreu.

O desinteresse dos trabalhadores pela campanha foi notório. Basta ver a frequência dos comícios e os esforços a que os partidos se entregaram para arranjar claque. Festas, excursões pagas, (agora é melhor do que no tempo de Salazar em que havia partido único; agora são vários a pagar...), «cantos livres», foram atractivos desta campanha onde nem sequer houve a graça de um espírito inventivo, ou um mínimo de qualidade gráfica nos cartazes da esquerda. Como sempre, os partidos da esquerda revolucionária (o dinheiro que tem é pouco ou nenhum) deixaram-se esmagar pelas toneladas de cartazes dos chamados partidos maioritários (leia-se: «os que recebem dinheiro do estrangeiro»). Estima-se em milhões de cartazes e milhares de sessões esta corrida desigual, na qual o PS se ve obrigado a confessar oficialmente que gasta 9 mil contos (D. L., 3 de Abril de 1976), mas em que gastará muito mais, tal como o PC, e em que os «pequenos partidos» gastarão escassas dezenas de contos. O PDC, o PPD e o CDS espalharão a calúnia e o veneno com a eficácia dos seus milhões, enquanto que os partidos da esquerda revolucionária se mantem afastados dos meios de penetração, nas zonas mais recuadas. Frustrante querresse esta, onde se gastam milhões, onde cada um quer vender o seu peixe e onde se pagam todas as manobras baixas. Os padres do Norte aconselham o voto à direita, algumas Comissões de Trabalhadores de Lisboa (porque mãos andas, Poder Popular!) aconselham o voto nos partidos «maioritários» da esquerda e desaconselham o voto nos partidos minoritários. O PC pede namoro ao PS e o Mário Soares responde-lhe enxofrado. Os partidos da esquerda revolucionária fazem uma campanha recuada, para serem consentidos. A AOC, o PCP (m-l) e o MRPP pagam com o seu ridículo os financiamentos suspeitos.

Mas, a par do desinteresse pela campanha, outro interesse passou a existir entre os trabalhadores — o de sovarém o CDS e o PPD, não os deixando penetrar em terras de certo modo já libertadas.

A energia e a alegria com que os trabalhadores passaram à acção em terras tanto do Sul (como Beja), como ao Norte (de que Caminha é um exemplo), mostra que estão dispostos a responder ao fascismo com a violência de que são capazes. E mostra também como, mais uma vez, os reformistas estão dispostos à traição — dizendo, como disseram, que os acontecimentos em Beja tinham sido provocados por grupos provocatórios.

A abstenção ou voto nulo é, pois, a única resposta certa para quem queira dizer não às eleições burguesas e para quem queira demonstrar que uma larga percentagem de eleitores não vai às urnas. Esses eleitores que não vão às urnas, podemos estar certos de que não são a burguesia, são o proletariado. Pois os burgueses, esses, correrão a votar nos seus partidos. A burguesia falará com mais ou menos segurança nos resultados das eleições como base de avaliação dos interesses das populações, conforme for maior ou menor a percentagem de votantes.

Mas, passadas as eleições para a Assembleia da República, outras se colocam imediatamente — as da Presidência da República. Nessas, um candidato que defenda o Documento do COPCON e o Poder Popular pode ser o polarizador de todas as forças de esquerda. É o caso de Otelo que pode, finalmente liberto das limitações do poder, cumprir um papel histórico.

O período que se segue é um período para o qual os trabalhadores se tem de preparar em termos de confronto. A direita experimentará, de no-

vo, o seu golpe, desta vez mais à direita. E para lhe respondermos que teremos de estar preparados. Mas não só: o aumento desenfreado do custo de vida, a fome, a miséria serão o motor que fará

mover multidões. Multidões que caminharão para a sua derrota ou para a sua vitória, conforme a organização, a unidade e os instrumentos que tiverem.

## NOTÍCIAS

### O ELP RECRUTA NO HOTEL TRIÂNGULO VERMELHO

Na recepção do hotel Triângulo Vermelho na Quarteira, o senhor Leonel, ex-sargento fuzileiro, recruta reaccionários para o ELP a troco de 12820\$00 por mês.

Em 1 e 2 de Novembro de 1975, reuniram-se neste hotel cerca de 50 indivíduos afectos a forças terroristas. Entre os presentes contavam-se o general da Força Aérea Ivo Ferreira e Fernandes Rosas, que mantem relações bastante estreitas com um indivíduo que dá pelo nome de Guerra, do casino de Vila Moura; as ligações estendem-se também ao Soares do hotel Toca do Coelho também na Quarteira. Estas ligações que em ocasião oportuna revelámos vão até à CIA, à CAP, às redes de contrabando do ELP e MDLP, a militares de Tavira e Faro, à rede de prospecção de petróleo, à passagem de dólares falsos, às fugas de capital, à organização dos ex-pides, ao CDS, ao PPD e ao PPM. Vários candidatos destes partidos fazem parte da rede.

### MAIS ARMAS DO ELP QUE NÃO CHEGARAM A ENTRAR

No domingo, 11 de Abril, foi apreendido pela DGS espanhola na Isla Canela a cerca de 4 km de Ayamonte, na casa da praia pertencente ao português Almeida Araújo, grande quantidade de material bélico, entre o qual se contava 500 a 600 cargas de plástico. Almeida Araújo, que actualmente habita em Madrid, pertencia à «maioria silenciosa» que estava ligada à organização do 28 de Setembro.

### CONTINUAM OS SANEAMENTOS MILITARES

Os saneamentos continuam nas unidades militares do Norte. Desta vez é o capitão Oliveira Dias do RTM do Porto que foi mandado apresentar na direcção da Arma.

### CDS, PPM ELP CONFRATERNIZAM NO ALGARVE

Reuniram-se no dia 28/29 de Março e 4 de Abril de 1976, em casa do Pedro Câmara, do ELP, nas Pedras de El-Rei (Tavira) e Praia Verde, os seguintes reaccionários: padre da Condição de Tavira, padre de freguesia de Loulé, padre Nobre, e cônego Maia de Braga, António Maria -ex-regedor da freg. da Condição de Tavira, José Joaquim de Tavira, Fernando de Luizita, Veríssimo da Silva Gonçalves e Vitorino Eugénio.

### A REPRESSÃO PREPARA A SUA MÁQUINA

A reacção preocupa-se agora também com as fronteiras. Desta vez são mais 600 polícias retornados de Angola e Moçambique que acabam de entrar para a Guarda Fiscal.

A reintegração dos inspectores da ex-PI-DE/DGS começa a fazer-se. Além de outras iniciativas, como o agrupamento dos ex-agentes no Norte, consta que um ex-inspector de PIDE está a trabalhar junto à Associação dos ex-comandos.

### CARRO ABANDONADO LEVANTA SUSPEITAS

Na noite da célebre reunião do ELP, em Braga, onde foi preso o Benjamin Abreu, foi também encontrado abandonado na zona de Aveiro, o carro do major Canto e Castro, conselheiro da «Revolução», tendo sido transportado para a Base Aérea de Monte Real onde foi guardado e extremamente «bem protegido».